



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
EDVALDO SOUSA DO Ó – CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

ANA PAULA DA SILVA MOTA

**MEMÓRIAS DOS AGRICULTORES RURAIS DA FAZENDA REUNIDA RECREIO
EM PILAR – PB: UMA HISTÓRIA DE LUTAS POR UM PEDAÇO DE CHÃO
(1994-2005)**

Orientador: Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio

**CAMPINA GRANDE – PB
2017**

ANA PAULA DA SILVA MOTA

**MEMÓRIAS DOS AGRICULTORES RURAIS DA FAZENDA REUNIDA RECREIO
EM PILAR – PB: UMA HISTÓRIA DE LUTAS POR UM PEDAÇO DE CHÃO
(1994-2005)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de graduação em História apresentado ao curso de graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciatura em História.

**BRUNO RAFAEL ALBURQUERQUE GALDÊNCIO (Orientador)
ANA PAULA DA SILVA MOTA (Graduanda)**

**CAMPINA GRANDE – PB
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M917m Mota, Ana Paula da Silva.

Memória dos agricultores rurais da fazenda Reunida Recreio em Pilar PB: [manuscrito] : uma história de lutas por um pedaço de chão (1994 - 2005) / Ana Paula da Silva Mota. - 2017.

70 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.

"Orientação : Prof. Me. Bruno Rafael Albuquerque Galdêncio, Departamento de História - CH."

1. Fazenda Reunida Recreio. 2. Reforma agrária. 3. História oral. 4. Assentamento Nova Conquista II.

21. ed. CDD 333.31

ANA PAULA DA SILVA MOTA

**MEMÓRIAS DOS AGRICULTORES RURAIS DA FAZENDA REUNIDA RECREIO
EM PILAR – PB: UMA HISTÓRIA DE LUTAS POR UM PEDAÇO DE CHÃO (1994-
2005)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de graduação em História apresentado ao curso de graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciatura em História.

Monografia avaliada em 12/12/2017 com conceito Aprovada

BANCA EXAMINADORA

Bruno Rafael de A. Gaudêncio
Me. Bruno Rafael Albuquerque Gaudêncio – UEPB
Orientador

Aline Praxedes de Araújo
Me. Aline Praxedes de Araújo - UEPB
Examinadora

Luiz Carlos dos Santos
Me. Luiz Carlos dos Santos – UEPB
Examinador

A Deus pela dádiva da vida, a Terezinha Maria, José Francisco (Im
Memorian) pois mesmo analfabetos, concederam-me o privilégio de
fazer diferente e estar concluindo a graduação. Dedico!

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a Deus pelo dom da vida, por conceder-me sabedoria e guiar os meus passos permitindo-me subir mais um degrau na estrada para o sucesso.

A minha amada família, melhor presente concedido por Deus, pois é maravilhoso ir a diversos lugares, mas o bom mesmo é saber que tem um lugar nos esperando na volta. Agradeço a minha mãe que não teve as mesmas oportunidades, mas que sempre me incentivou, mulher guerreira e de uma sabedoria extrema, embora não alfabetizada e que também é uma das protagonistas dessa história.

Aos meus nove amados irmãos: Reginaldo, Ronaldo, Edivaldo, Sandro, João Batista, Maria de Lourdes, Josélia, Josilene e Sandra que são anjos na minha vida. E que cuidaram de mim desde a morte do meu pai, ainda criança. Agradeço as orações, compreensões, cuidado, amor, proteção e a credibilidade que depositam em mim, ajudando-me a ser uma pessoa melhor a cada dia, também agradeço a ajuda nas pesquisas de campo.

A todos os meus professores que deixaram seu legado em minha vida, em especial minha primeira professora tia Helena que me ensinou a segurar o lápis e conduziu-me na escrita das primeiras letrinhas, e que até hoje se alegra com as minhas conquistas.

Ao meu professor orientador Bruno Gaudêncio, expresso toda minha gratidão pelas críticas e sinceridade. Agradeço cada minuto de atenção, a credibilidade e confiança a mim depositados.

A minha família evangélica Batista por todo apoio e confiança.

As minhas cunhadas Marcilene, Cláudia e Andréa e a todos os meus sobrinhos (as) em especial Claudiane, Ana Clara, Mariane, Lara e Lucas pelo apoio e ajuda em momentos árdusos.

A minha amada turma 2012.2, um exemplo de turma que levarei em meu coração, destaque para Junior Rodrigues, Diego Sousa, Géssica e Ednalva que se fizeram presente nos momentos de aflição, dúvida, angústia e algumas vezes lágrimas e em especial Sabrina Kele que de certa forma me adotou e cuidou de mim como se eu fosse sua filha. Aos amigos que infelizmente não conseguiram concluir conosco, mas que também fazem parte dessa conquista.

Aos protagonista desta história ao qual sem eles, esse trabalho não estaria sendo concluído: João José meu avó e meu pai José Francisco (ambos em memória), Luís Miguel, Antônio Joaquim, Heleno Vicente, Paulo Gomes, Reginaldo Francisco e Robson Moreira, que

contribuíram, e se disponibilizaram a ajudar-me para que essa memória não se perca, mantendo-a preservada.

Aos amigos Risoleta, Risolene, Ailton e João Muniz que disponibilizaram seu tempo para acompanhar-me nas pesquisas de campo nas casas, engenhos, e outros órgãos.

Aos meus companheiros de viagem, os alunos itabaianenses que se locomovem até Campina diariamente em busca de um futuro melhor.

A Valdilene Caldas, a melhor amiga que alguém pode ter, pessoa cara que não mede esforços para ajudar-me em momentos precisos.

A Lucas meu namorado pela compreensão e apoio nos momentos difíceis.

Enfim a todas as pessoas que fazem parte da minha vida que de forma direta ou indireta contribuíram para concretização deste momento em minha história.

RESUMO

Este trabalho traz a luz memórias de agricultores que superaram os seus medos e foram a luta pelos direitos dos trabalhadores rurais da fazenda Reunida Recreio de Pilar – PB. Desta forma, o objetivo desta pesquisa é recuperar a história por meio de depoimentos dos próprios moradores, que vem trazer a tona suas trajetórias e vivências, onde jovens e adultos, homens e mulheres se uniram em prol de uma causa, ou melhor, de um sonho, o de possuírem um pedaço de terra, onde seria possível morar e trabalhar sem estarem submetidos aos as açoites, mandos e desmandos do coronel e seus capangas. Trabalhamos com a demarcação temporal por um período de onze anos (1994 – 2005) e com demarcação espacial na própria antiga fazenda Reunida Recreio na cidade de Pilar – PB, que hoje tornou-se o Assentamento Nova Conquista II. Nosso trabalho se insere numa perspectiva da Nova História Cultural a partir de uma metodologia da História Oral, no qual utilizaremos de depoimentos orais, como também usamos alguns documentos ligados ao processo de Reforma Agrária, a exemplo da CPT, da Associação dos Trabalhadores Rurais, o INCRA e o Cartório de Registro de Imóveis da cidade de Pilar – PB.

Palavras - Chave: Memórias, Lutas, Reforma Agrária, Fazenda Reunida Recreio.

ABSTRACT

This work brings out memories of farmers who overcame their fears and have fought for the rights of rural workers of the farm Reunida Recreio de Pilar - PB. In this way, the goal of this research is to recover the story through testimony from the residents themselves, which will bring their backgrounds and experiences, where young people and adults, men and women in favor of a cause, or rather of a dream, to possess a piece of land, where it would be possible to live and work without being mistreated by the Colonel's henchmen. We work with the temporal setting within a period of ten years (1994 - 2005) and with spatial demarcation in the old one Reunida Recreio farm in the city of Pilar - PB, which today became the Settlement New Conquest II. Our work adopted that inserted in an History Cultural perspective, in which we will use History Oral testimony and interviews, as well as some institutions linked to the Agrarian Reform process, such as the CPT, the Association of Rural Workers and INCRA.

Keywords: Memory, Struggle, Agrarian Reformation, Fazenda Reunida Recreio.

LISTAS DE SIGLAS

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INCRA: Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

MST: Movimento Sem Terra

CPT: Comissão Pastoral da Terra

LISTA DE FIGURAS

Figura Nº 1- Mapa do Estado da Paraíba, destacando a cidade de Pilar.

Figura Nº 2- O engenho Recreio nos dias atuais

Figura Nº 3- Engenho Corredor em dias atuais

Figura Nº 4- Usina Fundadas na Paraíba, até 1930

Figura Nº 5- Única casa de taipa sobrevivente da época do coronel

Figura Nº 6- Primeira casa de tijolos e cimento construída na antiga fazenda Reunida Recreio, preservada até os dias atuais.

Figura Nº 7 - Localização das usinas e destilarias: conflitos de terra

Figura Nº 8- Casa Grande do Engenho Recreio em dias atuais

Figura Nº 9 - Planta das propriedades Valquíria e Adete

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
------------------------	-----------

CAPÍTULO I

FAZENDA RECERIO: SITUANDO O ESPAÇO ANTES DO ASSENTAMENTO

1.1 As raízes da comunidade: suas origens.....	17
1.2 O coronelismo: poder x repressão.....	21
1.2.1 A figura do coronel da cidade de Pilar.....	24
1.2.2 Práticas do coronelismo.....	28

CAPÍTULO II

2.1 A trajetória de luta do assentamento Nova Conquista II.....	33
2.2 As herdeiras da fazenda Reunida Recreio.....	38
2.3 Quando o povo se junta o poder se une.....	40
2.3 A luta ainda não se encerrou.....	42
2.4 A criação da associação dos agricultores rurais do assentamento Nova Conquista II.....	45

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
----------------------------------	-----------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	47
--	-----------

ANEXOS.....	50
--------------------	-----------

INTRODUÇÃO

O conhecimento é surpreendente, e alguns questionamentos a cerca do lugar residido aguçam a curiosidade de muitos. Pensava em escrever sobre um assunto qualquer, porém o método de História Oral instigava-me, pois a memória de alguém não é algo só dela, pode ser coletiva também. Quando a morte chega, essa memória perde-se e milhares de informações se vão. Qualquer pessoa tendo vivenciado um acontecimento, sendo ouvinte ou participante, poderá lembrá-lo, guardá-lo ou relatá-lo, até mesmo esquecê-lo por ordem natural ou traumas.

A memória pode ser classificada como multidisciplinar e multidimensional, abrangendo várias disciplinas e várias dimensões e tendo-a como campo de pesquisa, objetiva-se neste trabalho apresentar alguns aspectos referentes a esta, tanto no sentido individual quanto coletiva tendo o aporte teórico de Maurice Halbwachs que por meio de seus estudos pensa uma dimensão da memória que ultrapassa o plano individual, considerando assim que as memórias de um individuo nunca são apenas suas, e que não pode existir lembranças apartadas da sociedade (HALBWACHS, 2006).

Segundo Alberti (1990) “a memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade”. Comparando as duas concepções, nota-se uma concordância pois para Halbwachs não há memória isolada da sociedade e Alberti diz que a memória de um grupo está vinculada à construção da identidade deste. Pois é a memória, o resultado de um trabalho de organização e seleção do que é importante para o sentimento de unidade, continuidade e coerência, isto é identidade (ALBERTI, 1990). Esta afirmação nos traz que a própria memória seleciona o que realmente é importante e merece ser arquivado, já que em todo acontecimento há partes que podem ser descartadas sem prejudicar ou perder a clareza dos fatos. É preciso que haja cortes, pois só quem vivenciou algo, sabe realmente o que é de importância e pode ser revelado, há falas que o protagonista, ou quem presenciou o acontecimento guardará como um sigilo pessoal.

Segundo Sandra Pesavento sua nos traz que a História Cultural nos propõe a possibilidade de decifrar a realidade do passado e isso se dá por meios das representações deste, e cabendo ao historiador ler os códigos de tempos já vividos, e então resgatá-los por meios dos seus discursos:

A proposta da História Cultural seria pois, decifrar a realidade do passado por meio de suas representações, tentando chegar aquelas formas discursivas e imagéticas pelas quais os homens expressam a si próprios e o mundo. Torna-se claro que este é um processo complexo, pois o historiador vai tentar a leitura dos códigos de um outro tempo, que podem se mostrar, por vezes, incompreensíveis para ele, dados os filtros que o passado interpõe. (PESVENTO, 2012, p.20)

Segundo Sandra Pesavento, para decifrar a realidade do passado é necessário ler os códigos de outro tempo, tempos já vividos, embora estes, se mostrem incompreensíveis, mas é preciso esse retorno para a compreensão de fatos passados.

Concordando com Peter Burke (2008) focamos nosso olhar historiográfico para a História Cultural, ao qual nos traz que o papel do historiador cultural é repensar e reescrever as histórias já escritas com o olhar clínico para os ditos excluídos. Partindo desse pressuposto analisamos que na maioria das publicações de livros e revistas até pouco tempo atrás, focava-se principalmente numa história dos vencedores, daqueles que obtiveram êxito em suas conquistas, e essas histórias geralmente eram da sociedade elitizada. Mas também devemos nos importar com os vencidos, que não também fizeram parte desta história, pois sem os vencidos, não haveria vencedores.

O método de história oral é dar voz aqueles que realmente não a tem: os esquecidos, os excluídos ou, retomando a bela expressão de um pioneiro da história oral, Nuno Revelli, “os derrotados”. (JOUTARD, 2000, p.33). Sabemos que o objetivo da história oral é voltar e resgatar a história que ficou para trás, não se deu importância, ou não se percebeu a sua devida importância. Mas cada indivíduo é autor da história, não importando cor, etnia, religião, condições financeiras, grau educativo e uma infinidade de outros fatores. Então é necessário diminuir as distâncias entre essas fronteiras. Segundo Marc Bloch os relatos das testemunhas são capazes de dar vida a fenômenos do presente ou do passado. Nota-se o quão privilegiado é trabalhar com testemunhos de vidas, é praticamente ressuscitar informações para que estas não caiam no esquecimento e se percam aleatoriamente, e reforça “não há outra máquina de voltar no tempo, senão a que funciona em nosso cérebro, com materiais fornecidos por gerações passadas” (Bloch, 2001. P. 74). Nota-se a valorização da memória na fala de Bloch, e em nós uma responsabilidade de se pensar nas gerações futuras, pois se a geração do presente não se preocupa com tais informações, não se importa; certamente cairá no esquecimento e se perderá, até porque quando a morte leva algumas pessoas, estas, levam consigo milhares de informações ao qual ninguém mais terá acesso; por isso é de suma importância o recolhimento desses dados, não apenas para responder perguntas do presente,

mas para que não se perca, como algo insignificante ao qual não houve importância por parte dos historiadores.

Notamos em Michelet o esforço para essa mudança, onde busca identificar o agente sem rosto, e porque não dizer sem importância. Pois estes, não eram notados, nem vistos como personagens da História:

O que chamou a atenção dos historiadores contemporâneos foi mais propriamente o esforço, levado a efeito por Michelet, de identificar um agente sem rosto – o povo, as massas – como personagem da história e como protagonista dos acontecimentos, além de ser detentor daquilo que seria o gérmen da nação. (PESAVENTO, 2012, p. 8)

É nessa perspectiva que se insere este trabalho, de buscar identificar aquelas pessoas despercebido, sem importância. Assim são vistos os agricultores, talvez por não possuírem dinheiro, ou não serem alfabetizadas, mas que precisam ser notadas, pois também são personagens da história.

A admiração pelos procedimentos de História Oral e a curiosidade sobre alguns questionamentos a cerca da comunidade onde moro, instigava-me dia pós dia, e isso seria meu objeto de pesquisa no campo da pesquisa histórica. O desafio a partir de então, era ter o norte de onde iniciar com as primeiras pedaladas.

A narrativa a cerca da memória dos agricultores rurais do Assentamento Nova Conquista II surgiu durante a disciplina de História da Paraíba II, ministrada pelo professor Bruno Gaudêncio, durante o enfoque sobre a história das Ligas Camponesas na Paraíba, que nos apresentou o filme *Cabra Marcado para Morrer*, do cineasta carioca Eduardo Coutinho, ao qual retrata a trajetória de vida e luta de um homem chamado João Pedro Teixeira.

Por ser filha de assentados, buscava informações a cerca de movimentos como Reforma Agrária, Movimento Sem Terra (MST), Movimentos Sociais do Campo, procurando ter um conhecimento mais aprofundado deste povo, afinal também fazia parte desta classe. Mas ainda, aos 23 anos, não sabia de fato quem havia sido João Pedro Teixeira, pois se tive acesso a alguma informação a cerca deste, descartei, não dei a merecida importância; li um pouco sobre Margarida Maria Alves, pois esta, sempre teve uma imagem sua nos sindicatos dos Trabalhadores Rurais, e ao ver sua foto, li a legenda ao qual havia algumas poucas informações. Mas sempre que revi sua foto, sabia de quem se falava.

Segundo Joutard (2000) a história oral tem mais do que nunca, o imperativo de testemunhar, tendo a coragem de permanecer história diante da memória de testemunhos

fragmentados que tem o sentimento de uma experiência única e intransmissível: é preciso combinar respeito e escuta atenta, de um lado, com procedimentos históricos, não importa quanto isso nos seja penoso. É necessário ter um olhar historiador, não nos permitindo envolvimento pessoal com os relatos e testemunhos, embora sejam envolventes ou comoventes, devemos ser historiadores em busca do real objetivo pesquisado. Philippe Joutard nos diz que para os historiadores, a melhor maneira de homenagear os excluídos é transformando sua memória em história. Certamente há sentimentos de ambos os lados, o historiador procura os fatos indo em busca de verdades e do descobrir o que ainda é mistério; e o entrevistado sente-se importante pela contribuição dada, por perceber que alguém o nota, que ele tem importância, por poder quebrar o silêncio de tais vivências. É importante a preservação dessa memória, valorizar o que para muitos já está descartado, sem importância, e quando essas memórias silenciadas, são despertadas novamente, nos traz um turbilhão de informações importantíssimas que nos leva a um conhecimento até então desconhecido.

Pensar os movimentos sociais no campo, as lutas e conflitos pela terra, a insistência de permanência; requer um conhecimento de suas trajetórias e particularidades, desse modo, não poderia deixar de citar a imagem de João Pedro, tanto por sua luta; quanto por sua referência para os camponeses. Certamente sua trajetória inspirou outros homens e mulheres, encorajando-os a lutar, embora pela revolta de sua morte, ou pelo desejo de um dia ver a concretização de um sonho.

Podemos aproximar a trajetória de vida dos assentados com o conceito de experiência de Thompson, pois este demonstra como a experiência histórica e cultural, acumulada pelos autores na contínua luta de classes, desencadeia reflexões pessoais e grupais. Segundo essa concepção a experiência é construída internamente no conceito de luta social e é transmitida entre o grupo através de memória, testemunhos de vida, tradições, rituais. Com as considerações de Thompson, compreendemos que cada indivíduo terá suas experiências pessoais, mas que também possuirá suas experiências juntamente com aquela classe, e é exatamente isso que trata este trabalho, que busca os relatos tanto individuais quanto coletivos dessa comunidade que lutaram por si e também pelos outros. Uma única causa, com vários envolvidos e juntos conseguiram tal objetivo que certamente, isolados, não teriam tal êxito.

Thompson nos diz que:

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON, 1992, p.17).

De acordo com concepção expostas, será trabalhado tanto com memórias individuais como também memórias coletivas, pois uma alimenta a outra e conservam informações importantes para gerações futuras. Pelo método de História Oral, e com a colaboração de pessoas que se disponibilizaram falar de suas experiências individualmente e coletivamente entrecruzando estes depoimentos com alguns documentos a exemplo de mapas, certidão, ofícios, mas priorizando a fala dos protagonistas, utilizando-a a maneira a qual pronunciam.

Jadson Vieira em sua dissertação de mestrado nos traz um trabalho a cerca do Engenho Geraldo, localizado em Alagoa Nova na Paraíba e que também passou pelo processo de Reforma Agrária, onde retrata a história das mulheres unidas em um laço de amizade e que juntas foram a luta em prol da conquista pela terra, e o quanto são guerreiras e merecedoras dessa conquista.

Temas relacionados à Reforma Agrária era sempre instigador, por ser um assunto com destaque para pessoas do campo em prol de um pedaço de chão, e nessa luta sempre havia resistência e muitas vezes mortes. Mas aqueles realmente engajados na causa continuavam, a lutar por isto, como um soldado ferido na Guerra, que mesmo sangrando, consegue encontrar forças para ajudar seus companheiros, Pois não é para benefício de um homem, mas sim para benefício de uma tropa e nesta luta não é diferente, é em prol de uma causa, de um povo; povo trabalhador, sofredor, guerreiro que busca ter um dia um lugarzinho onde seja possível morar e trabalhar para alimentar a si e aos filhos do suor do seu rosto.

Ao assistir o filme “Cabra marcado para morrer” algumas respostas vieram a tona, questionamentos nunca antes revelados, então a emoção e a revolta (uma revolta pessoal), tomaram conta do meu ser, pois minha própria trajetória, a história do meu povo teve raízes fincadas na história deste homem que foi o precursor da Reforma Agrária na Paraíba. Comovi-me com este ser humano, que em nenhum momento pensou mais em si do que no outro. Hoje sua luta é reflexo para os que continuam nessa caminhada.

O filme foi de encontro com minha trajetória de vida, com a história de luta dos meus pais e de todo o meu povo, assim como também com a de outras milhares de pessoas que almejam possuir um pedaço de terra, onde seja possível habitar em segurança, longe do medo de serem expulsos na calada do dia ou da noite, nem perderem tudo o quanto foi construído num piscar de olhos, medo de serem convidados na rebeldia, a deixar aquele lugar e vagar pelo mundo sem expectativa de vida, de sonhos, e sem tem onde reclinar a cabeça.

A partir do primeiro contato com o filme, ficou perceptível que não sabia praticamente nada a cerca da história do meu povo, então estava em minhas mãos à possibilidade de trazer

a tona o silêncio daqueles que silenciaram suas vozes, suas dores, seus medos, sua trajetória, e caso essas vozes não fossem instigadas a descrever suas memórias, continuariam silenciadas. Por isso há a importância desse recolhimento de dados para que essa memória não se perca, mantendo-se viva e possivelmente estará acessível a gerações futuras.

Milhares de questões surgiram: por que eles escolheram este lugar? Não havia outro lugar onde seria possível residir? Porque eles se submetiam aos mandos e desmandos do coronel e seus capangas? Porque continuavam neste lugar? Quem iniciou esta luta? Porque iniciou esta luta? Quem teve a ousadia de dar o primeiro passo? Esse povo teve apoio de algum órgão? O que os motivavam? Uma infinidade de perguntas rodeava a minha mente e, então não consegui mais fugir desse tema, estava totalmente enroscada, me sentia presa, como numa teia de aranha e parti para o que vamos dar continuidade a partir de agora.

Este trabalho tem sua originalidade nas raízes do povo da antiga fazenda Reunida Recreio, localizado a oito quilômetros de Pilar – PB, é um trabalho de colaboração para a historiografia local quem vem por meio de fontes orais, dos testemunhos de vida, resgatar as experiências e os saberes informais que são bases da História Oral para que essa memória não seja esquecida, antes de registrada.

Deu-se início a uma pesquisa de campo com os mais vividos da localidade e que realmente estiveram fincados na luta: Luís Miguel, Teresinha Maria, Antônio Joaquim, Heleno Vicente e Paulo Gomes. Foram criados vínculos de proximidades com os protagonistas dessa história e ao longo da pesquisa surgiram dois nomes que nos foram essenciais: Robson Moreira, atual presidente do Assentamento e Reginaldo Francisco que trabalhou na prática do cambão desde a adolescência.

A cada conversa com os protagonistas, a certeza só se confirmava; seria uma realização pessoal e também a oportunidade de deixar registrado para gerações futuras o testemunho de vida dos que vivenciaram esta luta. O momento era chegado, restava apenas colocar as mãos a obra e prosseguir a caminhada que certamente seria muito proveitosa e prazerosa.

Nessa perspectiva, analisa-se João Pedro Teixeira que foi o líder das Ligas Camponesas na Paraíba, mesmo sua vida, sendo interrompida, podendo ser vista com um vencido; embora morto deixou ideias plantadas e estas foram alimentadas por milhares de outros camponeses que não permitiram o esquecimento da sua trajetória de luta e da sua ousadia, embora sendo pobre, analfabeto, agricultor, assumiu essa causa em nome de todos os camponeses e não recuou em momento algum.

A pesquisa se deu na própria Antiga fazenda Reunida Recreio, onde hoje após conquistada tornou-se o Assentamento Nova Conquista II, onde foram visitados as casas dos agricultores, associação dos agricultores(as), os engenhos que se encontram na localidade e também foram palco de toda história, local onde a maioria dos agricultores trabalhavam e pagavam o cambão semanalmente. Também foram necessários algumas pesquisas extras em órgãos públicos responsáveis pelas questões agrárias e as lutas pela terra.

Para melhor articulação da escrita, este trabalho foi dividido em dois capítulos, no primeiro trata-se sobre as questões históricas da localidade, suas origens, as questões econômicas na época fincadas no chamado “ouro branco” e o poder nas mãos de poucos, que eram os proprietários de usinas, os coronéis responsáveis pelo mandonismo local. Trago a imagem do antigo coronel da cidade de Pilar, homem respeitado e temido pelos poceiros da propriedade onde se passa nossa pesquisa. O segundo capítulo mostra a trajetória de luta em prol da conquista pela terra, a forma como se procedeu a partir da morte do coronel e como se chega à desapropriação tornando-se assentamento.

Capítulo I

FAZENDA RECREIO: SITUANDO O ESPAÇO ANTES DO ASSENTAMENTO

1.1 AS RAÍZES DA COMUNIDADE: SUAS ORIGENS

A antiga fazenda Reunida Recreio localiza-se a 8 quilômetros da cidade de Pilar – PB, que situa-se a 65 km da capital paraibana. De acordo com o IBGE faz parte da mesorregião da Mata Paraibana e microrregião de Sapé. Pilar atualmente possui cerca de 12 mil habitantes.

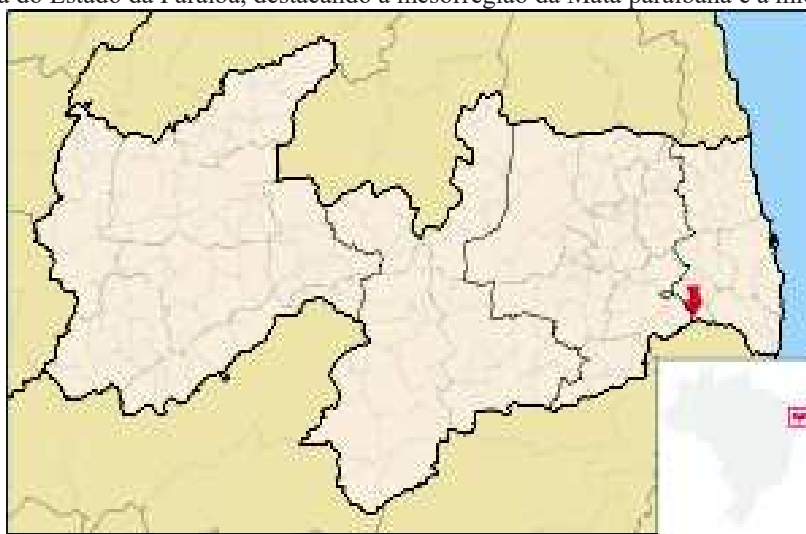
Segundo Arruda (2016) “Pilar era bem vista na redondeza da Paraíba e, no nordeste, como uma cidade próspera, é tanto que em 1859 recebeu a visita do Imperador Dom Pedro II, onde ficou por dois dias na cidade, em decorrência do prestígio social que a vila obtinha da metrópole, por sua influência econômica e história.” Percebemos a importância histórica da cidade de Pilar desde os seus primórdios, foi visitada pelo Imperador e esse acontecimento não se dera por acaso, a cidade possuía uma economia açucareira considerável e uma vasta extensão de terras que se alongavam até mesmo Campina Grande fazia parte de seu território. “o município era muito extenso (a comarca de Pilar ia até Pombal no alto sertão); até uma determinada época Campina Grande era distrito de Pilar.” (ARRUDA, 2016, p. 24).

Partindo desse pressuposto percebe-se a suma importância da cidade de Pilar, o quanto era uma cidade rica em extensões de terras e por localizar-se em uma área privilegiada, as margens do Rio Paraíba, tornara a cidade ainda mais cobiçada. Pois possuía uma área muito fértil e propícia ao cultivo da cana de açúcar.

“Em fins do Século XVI, a Zona da Mata nordestina ocupava o primeiro lugar na produção mundial do açúcar.” (MONTEIRO, 1980, p.25). Decorridos vinte anos do início da colonização, em 1605, a Paraíba prosperava, expandindo a penetração pelos vales férteis do litoral e da zona da mata, aos quais atraíam a atenção dos colonizadores. Analisando o que

nos traz Herckmans, percebemos em sua fala a valorização da Capitania paraibana, por ser agraciada com um bom solo, água e fertilidade, e, por estes motivos, desejada pelos colonizadores. “Em águas, ares e fertilidade é esta Capitania uma das mais saudáveis do Brasil, e em todos os tempos tem sido populosa e bem povoada pelos naturais da terra, chamado Potiguares”. (HERCKMANS, 1911. p.9)

Figura Nº 1- Mapa do Estado da Paraíba, destacando a mesorregião da Mata paraibana e a microrregião de Sapé.



Fonte:<Paraiba_Municip_Pilar.svg/300px-Paraiba_Municip_Pilar.svg.png>
Acesso em 25 de Novembro de 2017)

A cana de açúcar teve papel fundamental na economia paraibana. A prova da Ascensão da cana é que em 1634, a Paraíba já contava com dezoito engenhos de açúcar. “ A expansão da cana de açúcar na Paraíba se faz em ritmo regular. Se bem que hajam discordâncias, a evolução do crescimento dos engenhos, até a invasão holandesa é a que segue: 01, em 1586; 14 ou 15, em 1601; 18 em 1634.” (FERNANDES, 1999, p. 24)

Alguns engenhos de destaque foram: o Engenho Del- Rei, Três Reis, São Gonçalo, Santo André, Engenho Inobi, Engenho Novo e Engenho Paul. Alguns estão em ruínas e outros estão conservados, sendo aberto a visitas.

Pode-se notar que a povoação do município de Pilar tem uma total ligação com a história do nosso estado, principalmente no fator econômico, pois a Paraíba a princípio teve criação de gado no sertão e plantio da cana de açúcar na parte litorânea. O florescimento da cultura açucareira deu-se durante todo o século XVI e na primeira metade do século XVII e a cana de açúcar plantada nas várzeas das Capitania Real da Paraíba era considerada como de boa qualidade. Deve-se ressaltar que a cana de açúcar produzia bem mais do que açúcar,

como também rapadura¹ e aguardente², sendo então um produto cobiçado que chegou a receber o apelido de ouro branco.

É nesse contexto histórico que se dá o povoamento do município de Pilar em fins do século XVI, povoado este, criado a margem do rio Paraíba.

A economia açucareira trouxe grande prestígio para a Parahyba do Norte³ e consequentemente para a Vila do Pilar em virtudes dos inúmeros engenhos distribuídos pelas várzeas e baixios do território. Até hoje há dois engenhos na cidade de Pilar: o Engenho Recreio e o Engenho Corredor. O Engenho Recreio antes, pertencente ao coronel Agnaldo Velloso Borges, está atualmente em ruínas, ao contrário o Engenho Corredor que se encontra em ótimo estado de conservação. Há três anos está recebendo visitas de escolas e pessoas que desejam conhecer um pouco mais do lugar onde nasceu José Lins do Rego. Pois o Engenho Corredor pertencia ao coronel José Lins, seu avô. Nos dias atuais pertencem ao casal Joaquim Soares e Alba Vieira Soares.

Figura Nº 2- O engenho Recreio nos dias atuais



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura Nº 3- Engenho Corredor em dias atuais

¹ Doce típico do Nordeste, feito a partir do melaço de cana.

² Cachaça.

³ Atual estado da Paraíba



Fonte: Arquivo pessoal.

A Vila do Pilar foi a primeira vila a surgir na Província da Parahyba do Norte, no período colonial em 05 de Janeiro de 1765. Povoado localizado as margens do rio Paraíba e por localizar-se próximo a corrente das águas facilitava o plantio e o cultivo da agricultura.

A Paraíba teve seu apogeu no setor econômico açucareiro durante o século XVIII, porém alguns fatores contribuíram para o declínio da produção, entre estes, ainda não citado, a seca foi o fator principal e afetou a economia paraibana, pois a Paraíba já não importava mais o açúcar para o mercado internacional.

Em fevereiro de 1877 se deu o primeiro alarme da seca que se aproximava, e automaticamente tiveram início as reivindicações dos governos e representantes provinciais. A situação financeira da província da Paraíba, como a de suas vizinhas, era péssima, pois a crise da economia nordestina provinha de há muito tempo, com a queda da cotação do seu principal produto, o açúcar no mercado internacional [...]. (FERREIRA, 1993, p. 61)

Podemos confirmar que a produção açucareira enfrentou diversos problemas, entre estes, a seca que acabou contribuindo para o declínio do açúcar no Nordeste e consequentemente na Paraíba. Os engenhos foram caindo em decadência por volta do ano 1910, e por este motivo, foram sendo substituídos pelas usinas⁴ de açúcar. Os engenhos ainda continuaram a existir, mas com a função apenas de cultivar a cana. “Graves dificuldades são, porém, enfrentadas pela produção açucareira. Ao lado de inundações (Rio Paraíba, 1641), praga nos canaviais e epidemias (Varíola, 1641/42) junta-se a destruição dos engenhos pelos proprietários (1635) e a queima dos canaviais, como forma de resistência aos holandeses (a partir de 1636)” (FERNANDES, 1999, p.25)

⁴ Estabelecimento industrial para produção em grande escala, neste caso, de açúcar e derivados da cana.

Os problemas enfrentados certamente afetaram negativamente na produção do açúcar ao longo dos anos e conseqüentemente acarretou no declínio do produto e também a redução dos engenhos. Pois os proprietários passaram a investir em usinas e os engenhos foram ficando de lado. Segundo Fernandes “A Paraíba que chegara a contar com 20 engenhos, registra 09 em 1663, que produzem 100 caixas de açúcar; em 1725, não se completa sequer uma caixa [...]” (FERNANDES, 1999, p.26). Notamos uma grande queda no setor açucareiro que chegou a afetar a economia paraibana, e podemos obter essa confirmação por meio das palavras de Galliza:

A cana de açúcar, que representou, na primeira metade do século XIX, um papel decisivo na economia da Paraíba, entrou em decadência com a retratação dos mercados externos ao produto e com sua conseqüente desvalorização. Sua exportação que em 1900, atingiu o valor de 916; 767 \$000 réis, baixou para 665:396\$000 réis, em 1905, e caiu para 386:798\$000 réis em 1910. (GALLIZA, 1993, p. 47)

Notamos as quedas no setor açucareiro e o quanto isso foi prejudicial para o setor econômico.

Na década de 1950 a agricultura estava se modernizando e o Nordeste foi berço de uma expansão econômica com o setor industrial. Com o crescimento das plantações de cana de açúcar, surgiam no cenário as usinas e com estas, engenhos passaram a ser comprados para finalizar a produção açucareira. Uma área localizada as margens do Rio Paraíba e bastante cobiçadas historicamente evidenciou-se como maior produção de açúcar e álcool do estado da Paraíba, ao qual esta, seria palco de futuros conflitos entre latifúndio e camponeses. Um grupo de destaque foi o grupo da Várzea composto pelos usineiros e latifundiários da várzea paraibana, que possuíam um estimativo capital. Entre os usineiros e empresários, fazendeiros participantes deste grupo, estava Renato Ribeiro Coutinho⁵ e Agnaldo Velloso Borges⁶, homem de extrema relevância política e social, foi deputado estadual e prefeito da cidade de Pilar e por ser filho de Manoel Velloso Borges que foi deputado federal e senador.

Muitos camponeses bem como outros grupos a exemplo dos quilombolas, posseiros, ribeirinhos em busca de dignidade e de terra onde seria possível morar e trabalhar para sua própria sobrevivência se submetiam a morar em terras de grandes usineiros detentores do poder e dessa forma passaram a ser vítimas da violência e exploração que predominavam o campo.

⁵ Homem de grande relevância, filho de aristocratas rurais da Paraíba.

⁶ Coronel da idade de Pilar, na época do Coronelismo.

1.2 O CORONELISMO: PODER E REPRESSÃO

Com a abolição da escravatura muitos negros libertos sem opção, preferiram continuar com os seus antigos senhores, tornando-se trabalhadores livres em troca de alimentação e proteção e esse modelo de cidadania, uma “cidadania concedida” segundo SALES (2013) ultrapassou períodos históricos e chegou até recentemente na época do coronelismo, que não está tão distante de nós.

A cana de açúcar foi uma cultura muito valorizada na época colonial, e a província da Parahyba do Norte, atualmente o Estado da Paraíba, possuía terras bastante férteis, próximas a rios o que facilitara o cultivo e investimento por parte dos produtores. O açúcar foi sendo valorizado e chegou a ser auge da economia paraibana, passando então, a ser cobiçado por parte de outros países a exemplo das Antilhas, onde começou a ser exportado e os grandes produtores passaram a investir em usinas. Os donos de usinas recebiam o nome de usineiros, estes eram homem de extrema importância, cheios de riquezas e poder, grandes proprietários de terras, eram os coronéis, homens que estruturavam uma oligarquia local, ao qual agiam de modo centralizado e exploravam a classe trabalhadora. Além de controlar o sistema político manipulando a massa por meio do sistema de troca de favores.

Nos municípios, sedes do poder local, a autoridade do “coronel” se afirmava na liderança efetiva por ele exercida como chefe político. Com a sua capacidade de angariar um bom contingente de eleitores, de “arrebatar” votos e manter o eleitorado de “cabresto” ou “ curral eleitoral”, o coronel garantia o seu poder. Neste sentido, sua atuação é permanente e abrange múltiplas funções: jurídicas, policiais, financeiras e assistencialistas, exercidas pretensamente como favores. (GURJÃO, 1999, p.55)

Esse sistema de manipulação recebera o nome de mandonismo local, pois a própria expressão já é bem definida, o coronel simplesmente mandava naquele local. Assim nos diz Lucena que “o bojo do processo da região, em ressalva o nordeste, como um todo, foi marcado por um movimento de ‘mandonismo local, ’ que de certa forma se executa em torno de uma hegemonia de grupos, que controlavam o comércio ruralista da região, ou seja, os coronéis.” (LUCENA, 2014, p.15)

O coronelismo foi um modelo político que teve seu auge entre o período da Republica Velha (1889- 1930), onde a figura coronel era a autoridade suprema da época ao qual ninguém se atrevia a questioná-lo e toda essa autoridade lhe garantia certa autonomia, que chegava a ter o apoio e proteção da própria polícia.

Com a implantação da República criaram-se novas condições políticas – institucionais que favoreceram o mandonismo local exercido pela elite proprietária rural desde a colonização. Durante o Império ocorreu o fortalecimento de sua dominação e a identificação do seu poder com o título de ‘coronel’, inicialmente de Guarda Nacional, denominação esta usualmente utilizada durante a República. (GURJÃO, 1999, p. 54)

É perceptível o poder do coronel, por ser possuidor de terras adquiria prestígio e apoio dos políticos que se beneficiavam por meio das trocas de favores. Por possuírem milhares de hectares de terras e milhares de posseiros e camponeses que residiam em sua propriedade, o coronel, além de possuir terras, dinheiro, poder, ainda tinha outra arma em suas mãos, eram detentores de uma máquina de votos em suas mãos, onde os moradores de suas propriedades estavam submissos a votar em seu candidato, caso contrário, seriam convidados a retirar-se da terra de forma forçada. Na época eleitoral aconteciam as ameaças e a troca de votos, instrumentos que esses latifundiários usavam para eleger a si ou seus candidatos. Se alguém ousasse revidar a ordem do coronel quanto à escolha do candidato serviria de exemplo para os outros, sofrendo perseguição, violência e muitas vezes expulsão da propriedade.

Qualquer que seja, entretanto, o chefe municipal, o elemento primário desse tipo de liderança é o “coronel”, que comanda discricionariamente um lote considerável de votos de cabresto. A força eleitoral empresta-lhe prestígio político, natural coroamento de sua privilegiada situação econômica e social de dono de terras. Dentro da esfera própria de influência, o “coronel” como que resume em sua pessoa, sem substituí-las, importantes instituições sociais. Exerce, por exemplo, uma ampla jurisdição sobre seus dependentes, compondo rixas e desavenças e proferindo, às vezes, verdadeiros arbitramentos, que os interessados respeitam. Também se enfeixam em suas mãos, com ou sem caráter oficial, extensas funções policiais, de que frequentemente se desincumbe com a sua pura ascendência social, mas que eventualmente pode tornar efetivas com o auxílio de empregados, agregados ou capangas. (LEAL, 2012, p.24)

Concordando com a fala de Leal (2012), notamos a força de um homem, que sendo detentor do poder usara isso ao seu favor ou para o próprio benefício. O coronel poderíamos dizer que seria a Lei do local, a autoridade temida. O que ele ordenasse, não havia quem questionasse, ou se ousasse a tal atrevimento, ele era a Lei e todos obedeciam. Na verdade ele era temido, o medo e a necessidade faziam esses camponeses, tornarem-se obedientes, pois não havia outra opção de escolha, não havia outra possibilidade, nem expectativa de um futuro. Eles simplesmente obedeciam, pois era o que podiam fazer.

“O coronelismo [...] não é simplesmente um fenômeno da política local, não é mandonismo. Tem a ver com a conexão entre município, Estado e União, entre coronéis,

governadores e presidente, num jogo de coerção e cooptação exercido nacionalmente” (LEAL, 2012, p.6), nesta perspectiva o coronelismo seria uma aliança entre o coronel e os políticos tanto na esfera municipal, estadual e federal, e desta forma haveria uma troca de favores. Pois sendo a figura do coronel a representação do poder local, também seria de grande influência política na esfera nacional.

O poder do coronel advinha em grande parte da posse da terra. Dono de grandes propriedades rurais conseguia controlar a vida de centenas de colonos, meeiros e posseiros. Sem terra, essas pessoas dependiam do coronel para quase tudo. Assim, o coronel se transformava em protetor, juiz, compadre, padrinho ou conselheiro das pessoas do campo. Esse poder tornava possível o controle absoluto dos votos da região, que iam para quem o coronel indicasse. Eram os conhecidos votos de cabresto ou curral. (FERNANDES, 2006, p. 38)

Podemos perceber que a grande massa residente nas propriedades desses homens em muitos casos viviam em situações de extrema pobreza, ignorância e abandono e neste sentido, percebe-se na figura do coronel duas versões: o protetor, que se preocupa, que mantém a ordem, punindo os que saem da linha e buscando manter a paz na sua propriedade e, ao mesmo tempo a versão autoritária que ordena, não se discute, onde ele é a Lei e todos o temem e o obedecem. Em algumas situações agia até mesmo com agressividade em prol dos seus objetivos, como nos traz Vilaça e Albuquerque:

Para conseguir seus objetivos políticos-eleitorais, [o coronel] era capaz das maiores fraudes, muitas vezes acolhidas ou acobertadas por juizes de mesários submissos. Fraudes na inscrição de eleitores analfabetos (na ânsia de alargar a base eleitoral, o coronel fazia aqui coincidir os seus interesses com os da democratização do voto, pelo menos no aspecto quantitativo). Fraudes de coação ao eleitorado, amedrontado por capangas, pelo uso da polícia, que manipulava como força de coação e de coerção eleitoral. Mais tarde, quando viu formar-se oposição ao seu prestígio, armou piquetes nas estradas nos dias de eleição, dando passagem apenas a seus eleitores; construiu “currais” eleitorais, de onde, no dia da eleição, os votantes saíam suficientemente “municipados” com suas chapas, sendo escoltados para votar; anulava urnas cuja votação se lhe afigurasse contrária; apossava-se e destruía documentos eleitorais (VILAÇA e ALBUQUERQUE, 2006, p. 61-62).

Sendo assim, notamos que a figura do coronel usava de algumas atrocidades, principalmente em épocas eleitorais. A maioria dos moradores de suas propriedades eram analfabetos e mesmo assim, tinham que votar para continuar usufruindo do uso da propriedade e moradia que o coronel lhe proporcionava. Era uma troca de favores, que muitos nem se importavam em votar nos candidatos apoiados por ele, viam como algo normal e apenas o faziam. Nos diz Fernandes (2006, p. 41): “o voto era um ato de obediência forçada

ou, na melhor das hipóteses, um ato de lealdade e de gratidão”. Era dessa forma que os posseiros e camponeses enxergavam, muitas vezes acreditavam ser algo sem maldade.

Mas não era apenas isso, os coronéis usavam de fraudes, ameaças, coerção, todas as armas necessárias para eleger quem apoiava, ou para conseguir o que queriam. E dessa forma acontecia.

1.2.1 A FIGURA DO CORONEL DA CIDADE DE PILAR

Nessa perspectiva dita até o presente momento, traremos a imagem do coronel da cidade de Pilar, homem respeitado e temido por boa parte da população e de uma extrema relevância tanto política, quanto social, possuidor de uma grande extensão de terras que se estendiam de Pilar e se prolongavam, era o dono da usina Tanques, localizada em Alagoa Grande, usina esta, onde os posseiros e camponeses, moradores da terra do coronel Agnaldo Veloso Borges trabalhavam como forma de pagamento por morarem em suas terras. Na imagem a seguir mostra uma tabela e nesta, já existe a Usina Tanques que chega às mãos da família Velloso Borges.

Figura Nº 4- Usina Fundadas na Paraíba, até 1930

USINAS FUNDADAS NA PARAÍBA, ATÉ 1930			
DATA DA FUNDAÇÃO	MUNICÍPIO	PROPRIETÁRIO	NOME DA USINA
1885 ^o	Santa Rita	J. Ursulo & Irmãos	São João
1910	Santa Rita	Flávio R. Coutinho	Cumbe (Santa Rita)
1917	Sapé	J. Ursulo & Irmãos	Bonfim (Sta. Helena)
1926	A. Grande	Zenaide Holmes & Cia	Tanques
1927	João Pessoa	C. Régis & Cia	Santa Alexandrina
1928	Santa Rita	Flaviano R. Coutinho	Pedrosa (Sant'Ana)
1928	Santa Rita	J. Ursulo & Irmãos	São Gonçalo (Nossa Sra. do Patrocínio)

Fonte: Dados extraído do livro Evolução econômica da Paraíba, de Celso Mariz. 2ed, João Pessoa. A UNIÃO. s/d, p. 125/127. ANUÁRIO AÇUCAREIRO DE 1935, p. 114.

A pesquisadora Thaise Espínola (2016) ao entrevistar a filha do coronel da cidade de Pilar: Virginia Velloso Borges nos traz uma fala da própria filha sobre seu pai: “[...] é uma figura de destaque na história paraibana. Além de político, ele era dono da Usina Tanques,

localizada em Alagoa Grande, às margens do Rio Paraíba, região fértil e grande produtora de álcool e açúcar” (ESPINOLA, 2016, p.29)

Percebe-se então o poderio financeiro e político de Agnaldo Velloso Borges, era casado, industrial, dono da Usina Tanques localizada em Alagoa Grande; tinha filiação partidária com o partido ARENA, hoje extinto. Foi deputado estadual e prefeito da cidade de Pilar. Por ser em berço político e tornando-se dono do patrimônio dos seus familiares por herança tornara no futuro o coronel da sua terra natal, proprietário uma imensa extensão de terra com área total de 3. 838.065 hectares denominado de “Fazendas Reunidas Recreio”, pois se tratara de cinco compartimentos dentro da mesma fazenda: Lagoa do Gonçalves, Juruá da Galhofa, Galhofa, Jacaré e Baquara.

“A usina Tanques, construída por sua família ainda nas primeiras décadas do século XX, funcionou a todo vapor por mais de cinquenta anos” (ESPINOLA, 2016, p. 30) Por um período de cinquenta anos, a usina pertencente a família Velloso Borges trabalhou e prosperou. E para prosperar seria necessário contar com a ajuda dos empregados, que eram seus poceiros ou moradores de sua própria propriedade. Estes trabalhavam na Usina do doutor Agnaldo⁷ na prática do cambão⁸. Segundo nos diz Luís Miguel, conhecido por seu Luís, agricultor de 85 anos que passou a residir na Antiga Fazenda Reunida Recreio por volta dos anos 1966/1967, ele nos traz uma fala a cerca do que seria o cambão “a prática do cambão seria trabalhar na usina toda quarta/ quinta, um dia por semana”⁹.

Antônio Joaquim de Oliveira conhecido por Antônio de Tatá, pois sua esposa tem esse apelido e ao casar-se com ela, ficou conhecido assim. Agricultor de 45 anos, ao se referir-se ao doutor Agnaldo diz “que o coronel chamava os agricultores de caboco¹⁰ e este, mantinha um convívio com a propriedade, onde, encarregava pessoas da sua confiança (capangas) para fiscalizar se a propriedade estava em ordem”¹¹. Notamos uma imagem do coronel próxima dos agricultores, lhes determinando uma forma de apelido, uma certa proximidade para com o agricultor, e também a questão dos capangas podem ser observadas de diversos ângulos, pois estes, cumpriam ordem do coronel e repassava tudo o que se passava na comunidade,

⁷ Forma como os agricultores se referiam ao coronel Agnaldo Velloso Borges

⁸ Trabalho braçal como forma de pagamento o patrão.

⁹ SILVA. Luís Miguel. . **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pelo colaborador ao pesquisador sobre a luta pela conquista do Assentamento Nova Conquista II. Transcrição feita pelo pesquisador.

¹⁰ Expressão usada pelo coronel para se referir aos agricultores.

¹¹ ALMEIDA. Antônio Fernandes. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pelo colaborador ao pesquisador sobre a luta pela conquista do Assentamento Nova Conquista II. Transcrição feita pelo pesquisador.

podendo ser vista como babão¹²; também este informava a cerca de algumas dificuldades que alguns poceiros estava enfrentando no momento, a exemplo da situação das casas desses moradores que eram de taipa¹³ e em épocas de constantes chuvas estas, muitas vezes ficavam em estados caóticos apresentando sérios riscos aos moradores. Neste caso, os capangas podem ser vistos em prol do poceiro, que informava ao doutor a situação de dificuldade ao qual se passava aquela determinada família. Então o coronel, ao saber da situação dessas casas, pedira ao carpinteiro¹⁴ para rebocar¹⁵, e sendo assim, essa família estaria mais bem protegida do sol, chuvas e perigos da noite.

Heleno Vicente da Silva (o carpinteiro da época) conhecido por Sr. Heleno, também era agricultor, de 65 anos, nos traz uma fala sobre a atitude do coronel a cerca das reformas das casas: “se a casa de uma família estivesse em situação de risco, o responsável entraria em contato com José da Silva, também conhecido por José de Nazaré que também era filho do doutor Agnaldo e possuía a função de vaqueiro da terra. José de Nazaré ao ser informado sobre a situação de tal família, entrara em contato com o carpinteiro, lhe ordenando que rebocasse a casa¹⁶”. É perceptível uma preocupação por parte do coronel para com os moradores da sua propriedade. Então notamos aqui outra face desse ser humano. Aquele que se preocupa que se importa que não os despreza, porém, cuida.

Sr. Heleno diz que recebia por este serviço e que era o próprio doutor Agnaldo que lhe mandara o dinheiro. “A gente sabia que era o doutor que pagava, agora o dinheiro chegava na mão da gente ninguém sabe quem danado mandava. Vinha¹⁷ pelo nome do doutor. O doutor era quem pagava¹⁸”.

Teresinha Maria da Silva Mota de 69 anos, agricultora, conhecida por dona Tequinha, era filha do feitor¹⁹, diz que:

Meu pai²⁰ era o queridinho do doutor, a prova disso é que em toda propriedade, apenas ele teve o direito de possuir uma casa feita de cimento e tijolos, pois todas as outras, eram de taipa. O que ele fizesse de certo, é claro, tava feito. O doutor confiava demais nele. Ele levava pessoas para empregar na usina, caso alguém

¹² Pessoa que bajula alguém.

¹³ Casa feita de barro entre paus e cruzados por ripas.

¹⁴ Um exemplo de pedreiro da época, mas que fazia as casas de taipa.

¹⁵ Refazer as partes de uma casa que está deteriorada.

¹⁶ SILVA. Heleno Vicente. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pelo colaborador ao pesquisador sobre a luta pela conquista do Assentamento Nova Conquista II. Transcrição feita pelo pesquisador.

¹⁷ Mandado por alguém

¹⁸ SILVA. Heleno Vicente. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pelo colaborador ao pesquisador sobre a luta pela conquista do Assentamento Nova Conquista II. Transcrição feita pelo pesquisador.

¹⁹ Pessoa de confiança do doutor Agnaldo Velloso, encarregado de supervisionar os trabalhos nas usinas.

²⁰ A agricultora se refere a João José da Silva.

precisasse de um taquim²¹ de terra pra morar, ele falava com o doutor e o doutor permitia que ele trouxesse a pessoa para morar em sua propriedade.²²

Figura Nº 5- Única casa de taipa sobrevivente da época do coronel



Fonte: Arquivo pessoal

Figura Nº 6 - Primeira casa de tijolos e cimento construída na antiga fazenda Reunida Recreio, preservada até os dias atuais.



Fonte: Arquivo pessoal

Por meio desta fala percebemos que ele também se importava com algumas pessoas em especial, e confiava nestas, não era apenas uma pessoa rude e autoritária, mas também era cuidado com quem ele gostava e confiava.

Paulo Gomes de Almeida de 66 anos, conhecido por Sr. Paulo e também agricultor, quando interrogado se conhecia o doutor: diz que ele era uma pessoa muito conhecida, e o conhecia desde criança. “conhecemos! Só não dormi na casa dele, mas conhecer o doutor?”

²¹ Expressão usada pelo agricultor que significa: pequeno pedaço.

²² MOTA. Teresinha Maria Silva. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pelo colaborador ao pesquisador sobre a luta pela conquista do Assentamento Nova Conquista II. Transcrição feita pelo pesquisador.

Conheci desde pequeno²³”. Analisando a fala de seu Paulo, notamos que o doutor Agnaldo visitava a propriedade, pois nos traz memórias da infância, onde diz ter conhecido o coronel. E ele se parece ser um ser humano atencioso, porém autoritário, como todos os demais coronéis. Os poceiros o chamavam de patrão, e o respeitavam, muito expressam certa gratidão, pela vezes em que chegou a dispensar o pagamento do foro, pois o ano não havia sido bem produtivo e esses agricultores sentiam-se na obrigação de pagar, já que moravam em sua propriedade e era uma das normas, então o coronel, algumas vezes, perdoou esse pagamento.

1.2.2 PRÁTICAS DO CORONELISMO

Havia uma forma de pagamento ao patrão chamada de Cambão, que seria dias de trabalhos para o patrão sem recebimento em dinheiro. O cambão seria pago por meio da força braçal. Havia também o “foro²⁴”, outra forma de pagamento para continuar morando nas propriedades dos usineiros. “Pagava o foro quem morava na terra, ainda dava o cambão. Foro é ‘que nem²⁵’ ‘renda de casa²⁶’, porque uma renda de casa, você tem que pagar por mês e o foro, onde a gente morava, pagava por ano”²⁷. Nessa fala do agricultor Luís Miguel, percebemos que na Antiga fazenda Reunida Recreio havia as práticas coronelistas.

Reginaldo Francisco da Silva Mota, 42 anos, agricultor, conhecido por Rejo, diz que:

Iniciou o trabalho na prática do cambão com apenas quinze anos de idade para substituir seu pai José Francisco da Mota Filho que adoeceu trabalhando na usina Tanques, pois este tinha dez filhos e para alimentá-los aceitava trabalhar na caldeira²⁸, local onde quase ninguém queria trabalhar, e por trabalhar na caldeira adquiriu deficiência auditiva, e por ser um trabalho de risco, adquiriu outros problemas de saúde; então Rejo por ser o filho mais velho, aos quinze anos foi substituir o pai.²⁹

²³ SILVA. Paulo Gomes. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pelo colaborador ao pesquisador sobre a luta pela conquista do Assentamento Nova Conquista II. Transcrição feita pelo pesquisador.

²⁴ Espécie de aluguel pago, geralmente no final do ano ao proprietário da terra que poderia ser em dinheiro ou colheita.

²⁵ Expressão nordestina que significa: do mesmo modo que/ como.

²⁶ Aluguel de casa

²⁷ SILVA. Luís Miguel. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pelo colaborador ao pesquisador sobre a luta pela conquista do Assentamento Nova Conquista II. Transcrição feita pelo pesquisador.

²⁸ Expressão usada pelo agricultor para se referir ao forno da usina.

²⁹ MOTA. Reginaldo Francisco Silva. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pelo colaborador ao pesquisador sobre a luta pela conquista do Assentamento Nova Conquista II. Transcrição feita pelo pesquisador.

O pagamento do foro é uma questão bem antiga, desde o período colonial quando o Rei de Portugal dividiu o Brasil em quinze lotes de terras e distribuiu para pessoas de sua confiança, aos quais estas, eram detentoras de riquezas e possuíam prestígio. Os lotes de terras distribuídos foram chamados de Capitânicas hereditárias pois seriam herdadas de pais para filhos e foram distribuídos a pessoas de confiança da coroa que receberam o nome de donatários. No ano de 1808 a coroa portuguesa transferiu a corte para o Brasil e o sistema de Capitânicas hereditárias foi sendo extinto, e sobre estas áreas passou a ser cobrada uma contribuição para a utilização deste espaço. Essa contribuição seria um “aluguel ou imposto” e o foro é basicamente a mesma coisa. Alguns coronéis cobravam em dinheiro, outros, preferiam receber uma parte da colheita no final do ano.

Os posseiros³⁰ da antiga fazenda Reunida Recreio foram submetidos a estas duas formas de pagamento para que pudessem continuar residindo e plantando nas terras do coronel.

Pensar os movimentos sociais no campo, as lutas e conflitos pela terra, a insistência de permanência; requer um conhecimento de suas trajetórias e particularidades, desse modo, não poderia deixar de citar a imagem de João Pedro, tanto por sua luta; quanto por sua referência para os camponeses. Certamente sua trajetória inspirou homens e mulheres do campo, encorajando-os a lutar, embora pela revolta de sua morte, ou pelo desejo de um dia ver a realização do que tanto sonhara.

No auge das usinas açucareiras, se dará início aos conflitos pelas questões agrárias, e então, surgiram grandes nomes e um dos exemplos é João Pedro Teixeira e Margarida Maria Alves. “Na época em que as indústrias desse tipo estavam no auge, iniciam-se os conflitos por terra. Era o começo das reivindicações pela reforma agrária.” (ESPINOLA, 2016, p. 29). Nesse contexto histórico, sabemos que intensificou-se a violência no campo, então, crescia em João Pedro o sentimento de revolta contra o latifúndio e o desejo altruísta de incentivo ao camponês a sair da sua zona de conforto, a sair do conformismo daquela situação e lutar reivindicando seus direitos. Um dos motivos usados para reunir os camponeses por João Pedro foi a “eliminação do cambão” e de pequenas reuniões fundou-se a Liga Camponesa de Sapé, como nos diz Lemos:

A luta para eliminar o cambão foi o principal argumento para aglutinar os camponeses em torno de uma entidade associativa. Dessa forma, após dois anos da

³⁰ Trabalhador rural que reside e trabalha na terra de alguém. Que a culpou, mas que esta não lhe pertence.

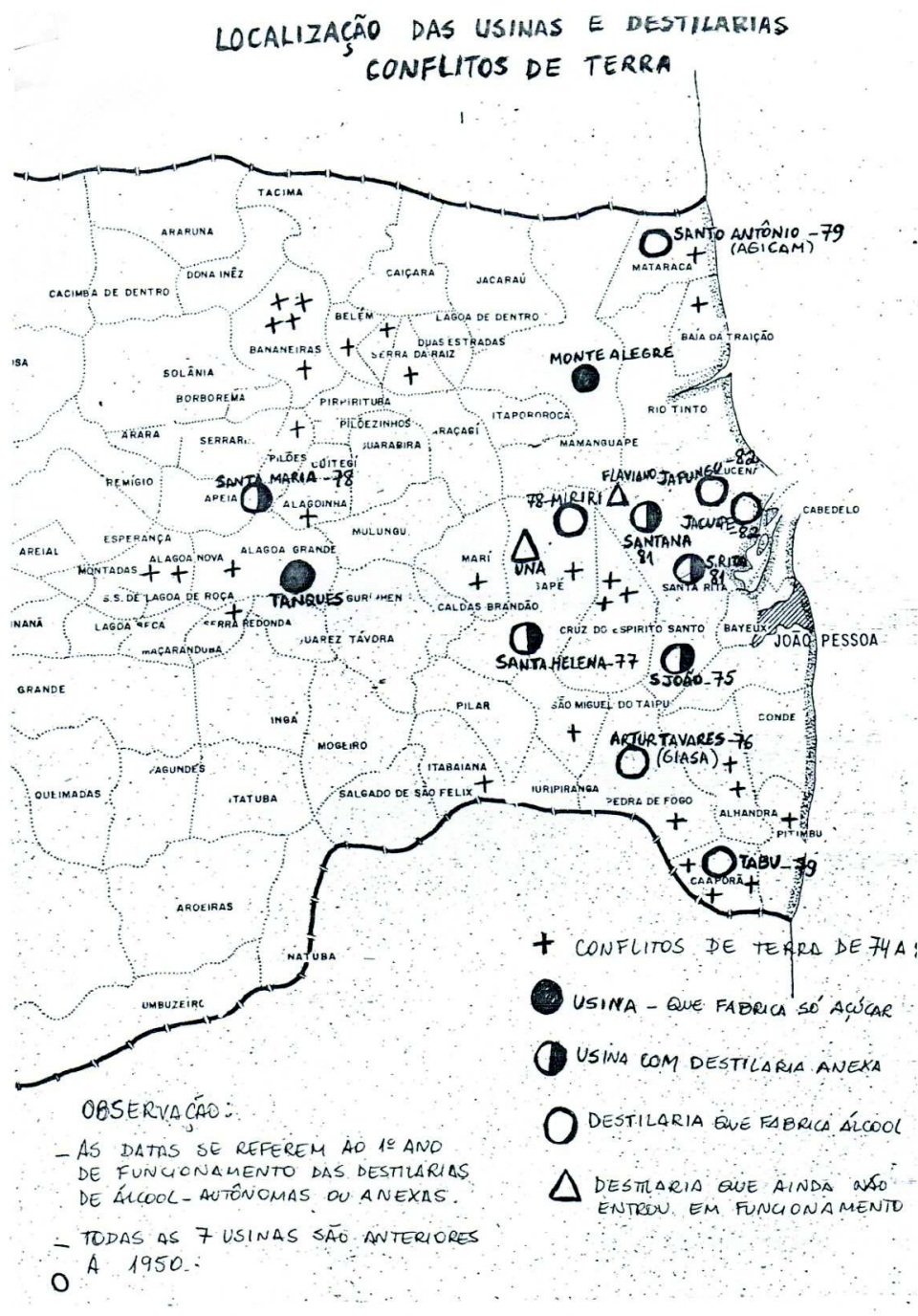
primeira reunião na casa de João Pedro, dos inúmeros comícios relâmpagos nas feiras de Sapé e reuniões de camponeses nos sítios e engenhos da região, foi fundada em fevereiro de 1958 a Associação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Sapé que ficou conhecida pelo nome de Liga Camponesa de Sapé. (Lemos, 2013, p. 20/21)

Nessa perspectiva de lutas em prol dos trabalhadores rurais surge também Margarida Maria Alves, primeira mulher a exercer um cargo de direção sindical no país:

Margarida não se restringia a uma jornada de trabalho no campo; era esposa, mãe, dona de casa e líder sindical. O início de suas atividades nas organizações de trabalhadores rurais foi como tesoureira do sindicato rural, acabando por ser eleita como presidente do sindicato tendo lá permanecido por 12 anos. Período em que moveu mais de 600 ações trabalhistas contra usineiros e senhores de engenho da região o que fez dela uma liderança política na região. (SANTANA, 2010, p. 3)

A trajetória, ou melhor dizendo a ousadia de Margarida Maria Alves bate de frente com interesses dos usineiros que certamente sentiram-se afetados de algumas formas, pois ela foi a luta para que os trabalhadores rurais obtivessem dos mesmos direitos que os trabalhadores urbanos, a exemplo de décimo terceiro salário, carteira de trabalho assinada e férias.

Figura Nº 7 - Localização das usinas e destilarias: conflitos de terra



Acervo da CPT.

Por meio desta imagem, notamos o início das questões por terras, os ditos conflitos de terra e uma das coisas que nos chama atenção é a Usina Tanques de propriedade da família Velloso Borges se destacando em produção.

É nesse contexto histórico, após o falecimento do coronel da cidade de Pilar que as filhas herdeiras iniciam o processo de desapropriação da Fazenda Reunida Recreio. Pois os agricultores travaram uma luta em prol de conquistar a propriedade nos parâmetros legais

assegurados na Lei da Reforma Agrária. Diante dessa situação as herdeiras tomam certa atitude: “ Como tem acontecido em áreas vizinhas, beirando o rio da Paraíba em Pilar, visto que com a criação de camarão, as proprietárias, filhas de Agnaldo Velloso Borges visaram ter mais uma grande fonte de renda”.³¹ Com essa atitude de criar camarões para “maquiar” a ideia de que a terra produz e assim evitar a desapropriação por parte dos órgãos competentes.

Então dar-se início uma luta entre as herdeiras Velloso Borges e os agricultores da fazenda Reunida Recreio, que será destrinchado no próximo capítulo.

CAPÍTULO II

2.1 A TRAJETÓRIA DE LUTA DO ASSENTAMENTO NOVA CONQUISTA II

A trajetória de luta dos agricultores da antiga fazenda Reunida Recreio iniciou-se por volta do ano de 1990. Após a morte do coronel Agnaldo Velloso Borges, a esposa Maria

³¹ Manuscrito intitulado: Um caso de alegria: Desapropriação do Engenho Recreio. 2fls. Obs: contém erros de digitação.

Luiza Velloso Borges decidiu reunir os moradores para uma reunião que ocorrera no Engenho Recreio com o intuito de esclarecer como seria a partir de agora no seu comando, pois esta herdou cinquenta por cento da propriedade, segundo conta na certidão de posse determinada a viúva encontrada no Cartório de Notas e Registros de Imóveis de Pilar – PB: “Certifico ainda que 50% (cinquenta por cento) do imóvel constante da presente matrícula coube a viúva meeira senhora MARIA LUÍZA VELLOSO BORGES, conforme formal de partilha registrado sob o nº R-1/998 as fls.27 do Livro – E, datado de 06 de fevereiro de 1991.

A viúva herdara cinquenta por cento e a outra parte dos cinquenta por cento foi dividido aos restante dos herdeiros “Certifico ainda que 50% foi dividido e coube a cada herdeiro uma fração de 2.778%, equivalente a 106, 612 hectares”³².

Desses herdeiros apenas quatro filhas seriam herdeiras originárias: Virginia Peixoto Velloso Borges, Valquíria Peixoto Velloso Borges, Marisa Peixoto Velloso Borges e Adete Peixoto Velloso Borges e juntamente com a mãe, perfizeram um total de 2.335,480 hectares.

“Certifico ainda que, foi averbada a escritura de Divisão sob o nº 1.017 as fls. 48 do Livro 2-E, datado de 16 de novembro de 1992, ficando portanto a viúva meeira senhora Maria Liza Peixoto Velloso Borges com 1. 919.032 hectares, em comum com as quatro herdeiras originárias, cada uma com 106, 605 hectares, perfazendo um total de 2. 335, 480 hectares.”

Por meio destas informações, nos certificamos que as herdeiras se apossaram de uma parte bem expressiva de terras, e nesta época, após a morte do coronel, iniciou-se os conflitos por terra nesta propriedade, certamente o falecimento do doutor Agnaldo Velloso Borges tenho contribuído de certa forma para este acontecimento. Um outro fator que podemos citar são as medidas que a viúva estava prestes a impor na propriedade, assim como nos afirmar um dos protagonistas principais desta luta: Sr. Luís Miguel.

Sr. Luís Miguel hoje se encontra com 85 anos, é casado e é o grande protagonista desta luta. Homem de religião evangélica, simples, gentil e de uma sabedoria extraordinária. Estudou até o primário e antes de iniciar a luta buscou conhecer algumas leis, fazendo cursos pelo Sindicato Rural na capital paraibana. Entres esses cursos estavam: Direito do Trabalhador Rural, Direito Trabalhista e Direito do Homem do Campo.

A luta iniciou-se por causa da sua ousadia de lutar em prol dos seus direitos e dos direitos de alguns companheiros de jornada que haviam trabalhado por mais de dez anos na

³² Cartório de Registro de Notas de Imóveis de Pilar – P. Escritura Pública de Divisão lavrada as fls 18 a 24 do Livro 53, das Notas deste Cartório.

Usina Tanques em Alagoa Grande ou na terra do doutor Agnaldo sem carteira assinada. Em sua fala ele deixa bem esclarecido o real motivo pelo qual entrou na luta pela terra: “eu entrei ‘pro mode³³’ receber dinheiro da indenização de dezessete anos que trabaiei³⁴ no eito aqui.”³⁵.

Para a realização da reunião marcada pela viúva chamada pelo agricultores de dona Luíza, seria preciso reunir os agricultores numa determinada localidade. Isso então acontecera no Engenho Recreio em um dia de quarta – feira, sob responsabilidade de José de Nazaré³⁶, que também ficou no comando de uma parte dessas terras, a pedida da proprietária. Ele encarregou um dos seus homens para convidar a todos os agricultores a se fazerem presente. Mas não chamaram seu Luís Miguel, porém o encontraram na feira de Itabaiana que se realizara nos dias de terça – feira e o informaram.

Ele ia de casa em casa, era chamando, ai ele nem veio aqui, nem me chamou. Ai eu tava³⁷ na feira andando pra cima, na feira de galinha, ai chegou João Barbosa, chego e disse: seu Luís, eu digo, bom dia. Rapaz seu José mandou chamar todo mundo é ordem da viúva dona Luíza para uma reunião amanhã na quarta – feira, e eu num³⁸ esqueci de ver o sinhó³⁹ para lhe chamar, agora to lhe chamando.⁴⁰

O convite estava feito, então Sr. Luís pensou: “se eles não tivessem me chamado, tinha sido bom para eles. Mas já que me chamaram, eu vou! E cada um vão se atolar”⁴¹. Notamos nas expressões de Sr. Luís Miguel que não há medo em suas palavras, o que há é muita confiança e em nenhum momento ele fraqueja.

Ainda na mesma terça – feira, alguns agricultores preocupados, procuraram seu Luís Miguel para informá-lo da reunião, temeroso, pois não possuíam o conhecimento que seu Luís obtivera.

Diz ter saído de “vagarzinho⁴²”, pois o engenho Recreio localizava-se aproximadamente uns quatro quilômetros da sua casa, e neste período ninguém possuía moto, alguns possuíam bicicleta ou animal, mas ele diz que preferiu ir a pé.

³³ Expressão usada pelo agricultor que significa: em busca de.

³⁴ Expressão usada pelo agricultor na norma padrão que significa: trabalhei.

³⁵ SILVA. Luís Miguel. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pelo colaborador ao pesquisador sobre a luta pela conquista do Assentamento Nova Conquista II. Transcrição feita pelo pesquisador.

³⁶ Filho do doutor Agnaldo Velloso Borges, fora do casamento.

³⁷ Expressão usada pelo agricultor que significa: estava do verbo estar.

³⁸ Expressão usada pelo agricultor que significa: em um.

³⁹ Expressão usada pelo agricultor que significa: senhor.

⁴⁰ SILVA. Luís Miguel. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pelo colaborador ao pesquisador sobre a luta pela conquista do Assentamento Nova Conquista II. Transcrição feita pelo pesquisador.

⁴¹ SILVA. Luís Miguel. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pelo colaborador ao pesquisador sobre a luta pela conquista do Assentamento Nova Conquista II. Transcrição feita pelo pesquisador.

⁴² Expressão usada pelo agricultor que significa: em passos lentos.

Ao chegar na casa, onde estará acontecendo a reunião, a casa grande, diz que o alpendre da casa em que o doutor morava tava cheio de gente.

Figura Nº 8 - Casa Grande do Engenho Recreio em dias atuais



Fonte: Arquivo Pessoal

Sr. Luís Miguel diz que se passara a seguinte situação:

Tava seu José lá com uma caderneta na mão anotando: “quantas cabeça de bicho você tem? Tem tanto. Tem quantas cabras? Tem tanto. Tem quantos animais? Tem tanto. O caba⁴³ dizia tem tanto e ele anotando e ele anotava que era para o cara⁴⁴ pagar o foro desses animais, dos bichos tudim⁴⁵ que era para o cara não querer e ir embora.”⁴⁶ Por meio desta fala é perceptível que com a morte do doutor tudo ficaria em uma situação mais drástica do que antes, pois até então se pagava o foro da terra e o cambão e a partir de agora se pagaria o foro de cada animal que se criasse.

Sr. Luís Miguel foi chegando devagarzinho e o viram de longe, e diz ter usado a seguinte expressão:

Eita⁴⁷, agora o nego vai ver a tampa voar. Ao se aproximar, chegando mais perto do pessoal, José de Nazaré foi logo perguntando: seu Luís quantas cabeças de gado o senhor tem? “eu digo: eu tenho cinco cabeças, mas num quero que bote⁴⁸ ai não, num bote ai nenhuma! Que eu nunca vi uma lei que o caba vai morar numa propriedade trabaiano todo dia na fazenda, fazendo os serviços que a fazenda manda e ainda pagar duma⁴⁹ cabra, duma vaca que cria. Ai eu sei que vai prum⁵⁰ canto, vai

⁴³ Expressão usada pelo agricultor que significa: rapaz.

⁴⁴ Expressão usada pelo agricultor que significa: pessoa.

⁴⁵ Expressão usada pelo agricultor que significa: toda quantidade.

⁴⁶ SILVA. Luís Miguel. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pelo colaborador ao pesquisador sobre a luta pela conquista do Assentamento Nova Conquista II. Transcrição feita pelo pesquisador.

⁴⁷ Interjeição usada pelo agricultor para expressar surpresa.

⁴⁸ Expressão usada pelo agricultor que significa: anotar.

⁴⁹ Expressão usada pelo agricultor que significa : de uma.

⁵⁰ Expressão usada pelo agricultor que significa: para um.

pra outro, ai ele ficou logo com a cara feia com raiva, ai eu digo, num bote meu nome não, ai o povo fez um alvoroço.⁵¹

Diante dessa fala, percebemos a ousadia de Sr. Luís Miguel e a importância da sua atitude em prol desse povo. Ele sabia os riscos, sabia que estava lidando com pessoas detentoras do poder e mesmo assim estava ali em prol desses agricultores.

A viúva mandou chamá-lo dentro da casa, por causa do alvoroço que o povo estava fazendo. Seu José de Nazaré explicou a viúva que Sr. Luís Miguel rejeitara a proposta, então ela baixou a cabeça e ficou calada e ele explicou que já se passara dezessete anos de trabalho para o doutor sem carteira assinada e estava querendo apenas o que lhe era de direito garantido por lei.

Faz dezessete anos que eu trabaio sem carteira assinada. Tenho todos meus documentos, conheço as leis trabalhistas. Ai eu digo, tem que me pagar tudo isso. Eu, pra sair da sua terra, eu num preciso tá fazendo questão não, é só pagar o que me deve, que eu vou “mim borá⁵²”. Paga dezessete anos de carteira assinada. Assine a carteira que trabaiei dezessete anos. Eu tenho o documento em casa, a senhora mandava assinar a carteira com dezessete anos que eu trabaio e paga juro e correções monetárias do dinheiro todo que eu trabaiei e ficou dentro ai. Pagando tudo, eu vou mim bora no outro dia, nem em casa eu num durmo. Boto⁵³ na linha⁵⁴. Na linha eu boto minha mudancinha⁵⁵, e vou buscar o caminhão e vou mim borá. Mas se num pagar eu morro aqui, vocês tira⁵⁶ meus pedaços daqui de dentro e eu num saio. Num saio porque num sou ladrão pra sair de dentro de uma propriedade, o tanto que eu trabaiei de escravo aqui, sair duma propriedade expulso.⁵⁷

Percebemos a indignação de Sr. Luís Miguel diante da situação que os agricultores da antiga Fazenda Reunida Recreio estava prestes a enfrentar. Ele quer apenas ser notado, receber por aquilo que fez durante dezessete anos da sua vida e completa: “ seu José sabe que eu tenho contado a ele comé⁵⁸ a história. Num ando assombrado com medo de ninguém não, e vou procurar meus direitos é na justiça”⁵⁹

⁵¹ SILVA. Luís Miguel. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pelo colaborador ao pesquisador sobre a luta pela conquista do Assentamento Nova Conquista II. Transcrição feita pelo pesquisador.

⁵² Expressão usada pelo agricultor que significa: embora.

⁵³ Expressão usada pelo agricultor para se referir ao verbo: colocar.

⁵⁴ Linha ferroviária que localizava-se próxima a casa do agricultor.

⁵⁵ Expressão usada pelo agricultor para se referir aos seus bens materiais pessoais.

⁵⁶ Expressão usada pelo agricultor que significa: retirar.

⁵⁷ SILVA. Luís Miguel. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pelo colaborador ao pesquisador sobre a luta pela conquista do Assentamento Nova Conquista II. Transcrição feita pelo pesquisador.

⁵⁸ Expressão usada pelo agricultor que significa: como é.

⁵⁹ SILVA. Luís Miguel. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pelo colaborador ao pesquisador sobre a luta pela conquista do Assentamento Nova Conquista II. Transcrição feita pelo pesquisador.

As proprietárias, filhas de Agnaldo Velloso Borges visaram ter mais uma grande fonte de renda, as 98 famílias ou seja na média de umas 700 pessoas adultas, jovens e crianças, começaram sentir pressão dos proprietários para desocupar a margem do rio, local onde eles sempre tiveram a possibilidade de se fazer melhor na agricultura, especialmente em épocas de verão com verdura e com criação de gado, pois o lugar é mais úmido e próprio pra pasto⁶⁰.

Notamos nesta citação a real situação ao qual os moradores da fazenda Reunida Recreio se deparavam naquele momento, sentindo-se pressionados a desocupar a propriedade onde trabalhavam e desta tiraram o sustento da sua família.

Após Sr. Luís Miguel demonstrar sua indignação, a reunião deu-se por encerrada, e não só a reunião, acabou também os pagamentos de foro. Então todo o povo voltaram para suas casas. Um dos agricultores que estava na reunião usou a seguinte expressão : “ desse povo tudim que vai aqui, a estrada num cabe, só vai um homem!” e os outros agricultores comentavam dizendo que realmente não eram homens, pois Sr. Luís Miguel, já de idade avançada, cinquenta e nove anos na época, chegou e fez diferença naquela reunião. Bateu de frente com a viúva do doutor e não aceitou as condições que estavam impostas a serem aceitas pelos próprios agricultores, pois estes, não possuíam opção de escolha.

Passados alguns dias Sr. Luís Miguel procurou o sindicato de Pilar, mas diz que este órgão era muito ligado a pessoas do doutor e foi aconselhado a desistir da causa. Então procurou outros órgãos envolvidos em questão trabalhista e do homem do campo: a CPT⁶¹ e o INCRA⁶². “Sentindo fraqueza da direção do sindicato, pois o mesmo sofre certa pressão dos proprietários, o grupo de posseiros solicitou o apoio da CPT do Agreste.”⁶³

Sr. Luís Miguel comandando aquele pessoal a não sentirem-se intimidados, pois possuía alguns conhecimentos a cerca dos direitos do homem do campo. Isso porque já havia trabalhado no Sindicato dos Trabalhadores Rurais da cidade de Itabaiana e durante esse período aproveitou para participar das reuniões no Ministério do Trabalho em João Pessoa, onde conheceu grandes nomes a exemplo de Frei Anastácio (deputado Estadual) e padre João Maria. E aproveitou esse tempo para informar-se dos direitos que aquele povo possuía. E então foi aconselhado a prosseguir em busca do que almejava.

2.2 AS HERDEIRAS DA FAZENDA REUNIDA RECREIO

⁶⁰ Folha avulsa intitulada: Um caso de alegria: Desapropriação do Engenho Recreio. 2 fls. Arquivo da CPT.

⁶¹ Comissão Pastoral da Terra.

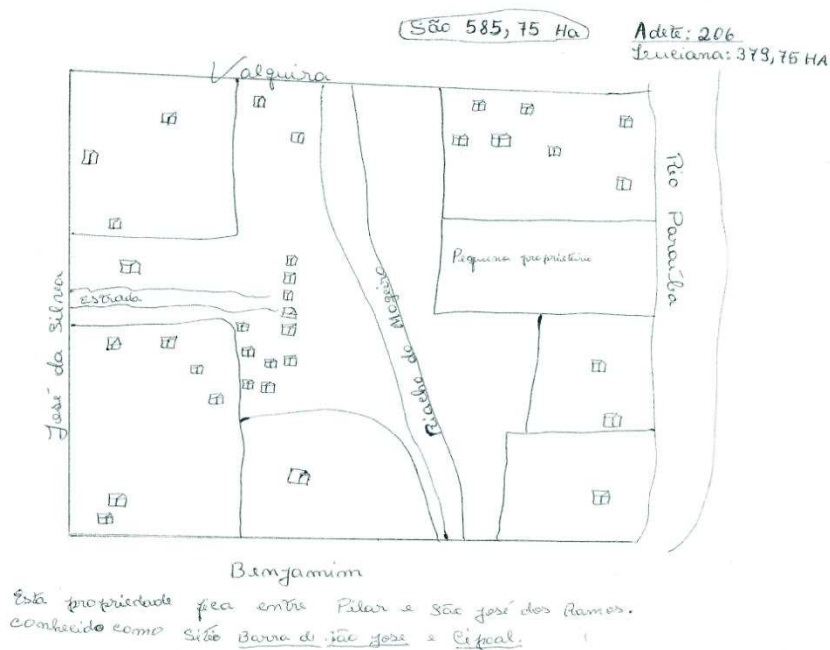
⁶² Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

⁶³ Folha avulsa intitulada: Um caso de alegria: Desapropriação do Engenho Reunido Recreio. 2 fls. Arquivo da CPT.

Após o falecimento de Agnaldo Velloso Borges, suas quatro filhas tornaram-se proprietárias da fazenda Reunida Recreio: Valquíria Peixoto Velloso Borges, Virginia Peixoto Velloso Borges, Mariza Peixoto Velloso Borges e Adete Peixoto Velloso Borges. A parte da fazenda a qual estamos falando pertencia as herdeiras Valquíria Velloso e Adete Velloso, correspondentes a uma área de setecentos e oitenta e um hectares e quatro ares e oitenta centiares, segundo o Decreto de 9 de Maio de 2005 da Casa Civil da Presidência da República.

Esta Fazenda localizava-se no município de Pilar, onde habitavam 98 famílias, em médias umas 700 pessoas entre adultos, jovens e crianças⁶⁴.

FIGURA Nº 9 - Planta das propriedades Valquíria e Adete



Arcevo da CPT.

Valquíria Velloso, uma das herdeiras procurou Sr. Luís Miguel, mandou alguém dar-lhe um recado quando ele retornara em um domingo da escola bíblica dominical, foi parado no caminho que falaria com ele a noite após sua saída do culto. E assim se procedeu: a noite ao sair da igreja, Valquíria se encontrava próximo a casa do padre, com um aglomerado de pessoas, que vieram e o fecharam perguntando se eu era Luís Miguel. Ele confirmou e respondeu as perguntas feitas por ela:

⁶⁴ Folha avulsa intitulada: Um caso de alegria: Desapropriação do Engenho Reunido Recreio. 2 fls. Arquivo da CPT.

O senhor conhece Juruá? Eu digo, conheço. Toma conta de algum trabalhador lá? Eu digo, tomo não, mas tem. Ela disse: quantos morador tem? Eu disse agora mesmo tem quarenta morador. Ela disse: onde o senhor mora é terra da minha irmã? Ai ela perguntou, ai eu digo Mariza, a outra irmã da senhora é Mariza? É essa mesmo! Quantos moradores lá tem? Eu digo lá tem uns quinze, ela disse: oxente⁶⁵ e quantos moradores ela tinha. Eu digo tinha mais de quarenta. E o que foi que ela fez: eu digo, ela tirou e botou na sua terra. E Valquíria deu um pulo do chão, minha irmã fez isso comigo? Fez uma falsidade dessa, tirou o povo da terra dela, para ficar maneiro para ela?⁶⁶

Neste diálogo é perceptível que há uma briga familiar interna e a parte de Mariza não entra nessa história. Cada proprietária está almejando os seus próprios interesses, e isso será essencial nas lutas dos pequenos. Vamos adiante descobrir o desfecho dessa história.

A partir dessa conversa Valquíria procurou Sr. Luís Miguel e mandou dois dos seus assessores para conhecer melhor a propriedade. Sr. Luís Miguel diz que numa terça – feira após chegar da feira, estava os dois assessores andando num carro pela propriedade e a procura dele que diz ter sido convidado a entrar no carro, e diz que se fosse caba mole tinha corrido. Mostrou toda a propriedade e disse onde encerrava. Os assessores decidiram fazer uma reunião com os moradores da terra e seu Luís Miguel ficou encarregado de convocar o povo para a reunião. Ao chegarem no local da reunião, que ocorrera na casa de um agricultor, eles estavam com livros nas mãos e foram mostrar as leis aos agricultores, como funcionava as coisas. O povo no entanto, fez um barulho e disseram Seu Luís ensino sobre a Reforma Agrária, e o questionaram, é verdade Sr. Luís: “eu digo a Lei 4.504 do Estatuto da Terra eu ensinei e ensino toda hora que quiser! Eu sabia de tudo né⁶⁷? Ai eles ficaram calados, botaram a mão assim no queixo, e o povo disseram: pode ir sim borá, que a gente num tem negócio com o sinhó não. O sinhó num tem terra pra dar a gente, num tem dinheiro pra pagar a gente”.⁶⁸

Passados alguns dias Valquíria marcou uma nova reunião na casa de um agricultor na própria propriedade. O local ficou pequeno para a quantidade de gente que se fez presente. Logo mais quando a proprietária chegou pediu a Sr. Luís Miguel para falar com o povo, e ele assim o fez: “Pessoal é o seguinte, aqui tá a proprietária da terra que nó moramos, e ela quer saber de vocês porque é que vocês estão fazendo essa questão? Quanto tempo vocês trabiario e se vocês quere⁶⁹ terra ou querem dinheiro ou o que vocês quere? Que acordo vocês quere fazer com ela? Vocês decidam com ela ai.”⁷⁰

⁶⁵ Expressão nordestina que significa: espanto/ surpresa.

⁶⁶ SILVA. Luís Miguel. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pelo colaborador ao pesquisador sobre a luta pela conquista do Assentamento Nova Conquista II. Transcrição feita pelo pesquisador.

⁶⁷ Expressão usada pelo agricultor que significa: não é.

⁶⁸ SILVA. Luís Miguel. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pelo colaborador ao pesquisador sobre a luta pela conquista do Assentamento Nova Conquista II. Transcrição feita pelo pesquisador.

⁶⁹ Expressão usada pelo agricultor para se referir ao verbo: querer.

⁷⁰ A. Luís Miguel. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pelo colaborador ao pesquisador sobre a luta pela conquista do Assentamento Nova Conquista II. Transcrição feita pelo pesquisador.

Após estas palavras ditas por Sr. Luís Miguel, Valquíria acenou para ele por meio de um gesto com a mão, ele abaixou para que ela pudesse conta-lhe algo em seu ouvido. Então a proprietária perguntou o que os agricultores queriam e Sr. Luís disse que eles queriam um pedaço de terra: “O povo quer um taquim de terra pra produzir que eles vivi⁷¹ da agricultura e sem ter terra, vai viver de que?”⁷²

Os agricultores se calaram e proporam uma troca: em vez de indenizá-los com dinheiro, pediram terra, mas a proprietária tira⁷³ a sandália dos pés, ela levanta dizendo: “tá vendo essa sandaia⁷⁴ velha aqui, é minha, custou meu dinheiro, num dou ela a ninguém. Quem já viu dizer “eu posso dá terra a ninguém”.⁷⁵

Notamos uma revolta por parte da proprietária, que diz não repassar para os agricultores nem a sandália que usa, quanto mais a terra. Então ela se retirou da reunião e nunca mais foi vista pelos agricultores. Mas ela usa uma estratégia para prejudicar os agricultores, mandando homens marcar uma parte da terra, onde não havia moradores para fazer poços de camarão e dessa forma alegar aos órgão competente que sua propriedade estaria produzindo alguma coisa e assim os agricultores perderiam a questão.

2.3 QUANDO O POVO SE UNE O PODER SE ESPALHA

É nesse exato momento que o povo se une (os que moravam na terra de Valquíria e os que moravam na propriedade de Adete) numa só força em prol dessa luta e começa a protestar, arrancando os tornos⁷⁶ usados para demarcar a medida do lugar onde se cavaria o poço. Sr. Luís Miguel toma a frente da situação e diz aos homens que estava fazendo esse trabalho que aquele pessoal que o acompanhara não era nem um quarto do total dos moradores da propriedade e que ninguém podia com a força daqueles homens juntos. Após esse acontecido, Sr. Luís reuniu o povo e partiram para o INCRA com o apoio do padre João Maria que faz parte da CPT. Chegando no INCRA, doutor Júlio Cesar⁷⁷ o convidou para explicar toda a situação e como se dera tudo aquilo. Após explicarem passo a passo, doutor Júlio Cesar usou a expressão: a terra é de vocês e essa notícia certamente agradou a todos que ficaram muito esperançosos.

Neste mesmo período chega uma nova família para morar na parte de Mariza Velloso, era a família de Manoel de Oliveira, conhecido por Zé Custode na época ele estava com quarenta e nove

⁷¹ Expressão usada pelo agricultor que significa viver.

⁷² SILVA. Luís Miguel. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pelo colaborador ao pesquisador sobre a luta pela conquista do Assentamento Nova Conquista II. Transcrição feita pelo pesquisador.

⁷³ Expressão usada e pelo agricultor que significa: retirar.

⁷⁴ Expressão usada pelo orientado que significa: Sandália.

⁷⁵ SILVA. Luís Miguel. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pelo colaborador ao pesquisador sobre a luta pela conquista do Assentamento Nova Conquista II. Transcrição feita pelo pesquisador.

⁷⁶ Pedaço de pau enfiado na terra.

⁷⁷ Coordenador das questões agrárias na época.

anos, casado e com quatro filhos. Já fazia dezoito anos que trabalhava sem carteira assinada. Seria o vaqueiro da propriedade herdada por Adete Peixoto Velloso Borges, que abrange a Barra de São José e Cipual, essa parte era um pouco abandonada. Seu patrão era José Buarque de Gusmão⁷⁸, conhecido por Zito Buarque.

Zito Buarque tentou trapacear com os moradores, onde cada um receberia três hectares de terras e estariam satisfeitos e eles sem orientação alguma aceitaram. Mas houve uma reunião e nesta, a conversa foi outra, agora seria apenas duas hectares, e então aceitaram. Mas neste mesmo momento chegava alguém para mudar isso, foi ser empregado, mas na verdade tomou outro rumo que desencadeou no destrinchar vitorioso dessa história.

A função do vaqueiro seria estar subordinado ao patrão e mandar nos moradores. Seu filho Robson Moreira na época estava com dezoito anos acompanhava o pai diariamente em seu trabalho, que era visitar a propriedade e verificar os erros, falhas, tudo o que se passava seria informada ao proprietário. Como vaqueiro Zé Custode ganhava um salário mínimo dividido em parcelas semanais. Pouco tempo após estar exercendo a função de vaqueiro na fazenda Reunida Recreio, o patrão deixou de pagar o salário, pois a real intenção era outra: que o vaqueiro conhecesse bem a propriedade, a forma como cada família se encontrava, quais tipos de culturas plantavam, quantos animais possuíam e essas informações eram levadas diretamente ao patrão.

Zé Custode, já cansado de ser remanejado de fazenda em fazenda cumprindo a mesma função de vaqueiro e seu filho Robson Moreira foi conhecendo a realidade daquelas famílias e de certa forma criando um vínculo familiar, então quando se deparavam com uma família que possuía uma quantidade expressiva de gado por exemplo, eles o convenciam a vender pois se não seria expulsos da propriedade, pois estavam crescendo financeiramente dentro da propriedade e o patrão estava insatisfeito com essa situação, então este seria o motivo pelo qual o vaqueiro estava na propriedade, para fazer uma vistoria de casa em casa e informar tudo ao patrão.

O meu pai e o meu irmão Rubéns Moreira se instalaram nesta propriedade em 25 de janeiro do ano 2000 e seu pai recebia um salário dividido em parcelas por semana. Antes moravam na fazenda Malhada do Toco que se localiza em Alaga Grande. Assim que chegamos, no mês de maio deixou de pagar o salário, pois sua real intenção era de expulsar os poceiros e tentaram subordinar a mim e meu pai para expulsar os moradores.⁷⁹

Robson Moreira, um jovem com dezoito anos criou certa amizade com um Vital Leopoldino, vereador de cidade de São José dos Ramos e uma conversa sobre o que estava se passando na propriedade onde o pai era vaqueiro, Robson Moreira foi incentivado a conhecer melhor a história

⁷⁸ Casado com Adete e portanto também era proprietário da terra.

⁷⁹ OLIVEIRA. Robson Moreira. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pelo colaborador ao pesquisador sobre a luta pela conquista do Assentamento Nova Conquista II. Transcrição feita pelo pesquisador.

desta, quantas família moravam, se essas pessoas realmente trabalhavam, se possuíam alguns animais, de que forma conseguiram. Essa conversa o deixou intrigado, então passou a conhecer melhor sobre a vida daquelas famílias.

Nesse período por volta do ano 2003, Robson Moreira ouvir falar de Sr. Luís Miguel e de toda sua trajetória em prol dessa luta. Não demorou muito, e foi procurá-lo. No seu primeiro contato com Sr. Luís Miguel, este usou a seguinte expressão para com ele: “o negócio aqui é pau. Vamos se unir e vamos ganhar!”⁸⁰

Com isso Robson Moreira foi descobrindo algumas questões ao qual ainda não havia sido informado, a exemplo da forma como se dava o procedimento para aquelas famílias continuarem residindo na propriedade, também informou-se sobre a quantidade de família que poderia ser desabrigada e foi envolvido por tudo isso, e passou de empregado do patrão a inimigo deste. Passou a lutar com aquele povo que na verdade deveria expulsar da propriedade.

Ao se aprofundar no conhecer a realidade da propriedade, descobriu que residiam 98 famílias e que estas famílias estavam asseguradas pela Reforma Agrária, com essa informação ficou ainda mais entusiasmado, pois Sr. Luís Miguel já tinha encaminhado tudo e a partir daí se escrevia uma nova história para esses guerreiros sofredores.

Sr. Luís Miguel deu total apoio a Robson Moreira e inicia-se a um novo momento nessa luta.

2.4 A LUTA AINDA NÃO SE ENCERROU

O INCRA veio iniciar todo o processo de medição para se saber a quantidade exata em hectares e dividi-las em partes iguais aos moradores. Mas em um exato momento em que acontecia a medição, chegou alguém tentando intimidar e ordenou que parassem o que estava fazendo, pois não havia nenhum documento que legalizassem aquele acontecimento. Então o pessoal do INCRA, recolheu seus material e foram embora e o povo chorou aflito. “o caba do INCRA disse, é menino, já que tão parano⁸¹, esse caba tá dizendo que a gente tá sem documento, que o INCRA não manda, que tá desacreditando, então vamos parar. Ai pararo⁸², viemos simbora, o povo tudo chorando, reclamando”⁸³.

Ontem, 16/04/2004, técnicos do INCRA foram impedidos de continuar os trabalhos de vistoria no imóvel rural denominado “Fazendas Reunidas Recreio”, de propriedade das senhoras Mariza Peixoto Velloso Borges, Adete Peixoto Velloso

⁸⁰ SILVA. Luís Miguel. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pelo colaborador ao pesquisador sobre a luta pela conquista do Assentamento Nova Conquista II. Transcrição feita pelo pesquisador.

⁸¹ Expressão usada pelo agricultor que significa: parando.

⁸² Expressão usada pelo agricultor para dizer que foram impedidos de continuar.

⁸³ SILVA. Luís Miguel. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pelo colaborador ao pesquisador sobre a luta pela conquista do Assentamento Nova Conquista II. Transcrição feita pelo pesquisador.

Notamos então a comprovação da fala do agricultor. O acontecido não foi aceito e logo em seguida reivindicaram, buscando outra saída. Esses militantes não se intimidaram, nem se deram por vencidos, foram a luta e obtiveram êxito.

No dia seguinte Sr. Luís Miguel juntou o pessoal e foram ao INCRA na capital da Paraíba, lhes dando apoio estava a CPT. Então foram convidados a descrever o acontecido e assim o fizeram. “Todos que tiveram oportunidade, expressaram sua indignação. Robson Moreira chegou a dizer que quem mandou parar a medição foi um Zé ninguém, e foi ignorado por Júlio César, coordenador do INCRA que se expressou dizendo: ele era um Zé ninguém, mas vocês pararam.”⁸⁵ Então todos queriam que Sr. Luís Miguel, falasse e o convenceram e este assim o fez:

Me levantei, fui pra perto dele, subi num palanque, onde tava umas cadeiras, num lugar alto. Primeiro eu amoleci o coração do povo, ai quando vi que tava bom pra falar, eu disse é agora. Eu disse é o seguinte: lá o doutor fez questão de para a medição porque segundo ele disse o documento num tava preparado. Mas eu num acredito, que o INCRA, um órgão Público Federal vai obedecer um pequeno proprietário.⁸⁶

Após estas palavras o povo se animaram e ficaram esperançosos. Sr. Luís Miguel pediu para sair daquele lugar com a verdade, quando o INCRA retornaria para retomar o trabalho. E foram no dia seguinte retomaram os trabalhos, ainda tentaram parar mais uma vez, mas agora já estavam com a documentação e não havia como revogar. A partir daí então iniciava-se uma nova história, onde cada mãe e pai de família teria seu lugarzinho para morar e trabalhar sossegados.

Então iniciou-se os procedimento para voltar e refazer a vistoria que havia iniciado, como consta uma carta enviada da CPT por meio do doutor Júlio Cesar ao superintendente do INCRA:

A comissão Pastoral da Terra vem através deste, solicitar desta autarquia, as vistorias das seguintes imóveis rurais:

⁸⁴ OFÍCIO INCRA/SR (18) G/nº 172/2004. Arquivo da CPT.

⁸⁵ SILVA. Luís Miguel. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pelo colaborador ao pesquisador sobre a luta pela conquista do Assentamento Nova Conquista II. Transcrição feita pelo pesquisador.

⁸⁶ SILVA. Luís Miguel. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pelo colaborador ao pesquisador sobre a luta pela conquista do Assentamento Nova Conquista II. Transcrição feita pelo pesquisador.

1. Fazendas Reunidas Recreio, composta dos Imóveis:
 - Lagoa do Gonçalo
 - Juruá de Galhofa
 - Galhofa
 - Jacaré e Baquara.⁸⁷

Essa parte da fazenda Reunida Recreio possuía uma área de setecentos e oitenta e um hectares e atualmente residem 109 famílias assentadas⁸⁸.

Logo após emitido e enviado o pedido de vistoria da propriedade, os agricultores estavam assegurados por um documento então,

Mas algumas pessoas a exemplo do próprio Robson que destrinchou-se na luta, foi tentado ser convencido a todo custo, tentado ser comprado para abandonar a luta junto com o povo. Ele diz “ sei dos riscos que corri, e ainda mais dos riscos de agora, pois a luta não para por aqui, mas este povo precisava de mim, e eu cumpri minha missão com eles.”⁸⁹

Após todo esse processo, o INCRA decretou uma fração de sete hectares, noventa e sete ares e quarenta centiares para cada família⁹⁰, o processo foi concluído no ano 2003 e a partir de então se vive um novo momento por parte dos agricultores.

2.4 A CRIAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS AGRICULTORES RURAIS DO ATUAL ASSENTAMENTO NOVA CONQUISTA II

A associação dos agricultores rurais do Assentamento Nova Conquista II, fundou-se no dia cinco de novembro de 2005, sendo eleita para o cargo de presidente a agricultora Rosilda de Araújo Neri e para secretária a agricultora Risoleta Moreira de Oliveira. Recebeu esse nome por causa da conquista pela qual se lutava⁹¹.

⁸⁷ Carta da CPT direcionada ao INCRA. Arquivo da CPT. Recebida em 12/ 09/2003.

⁸⁸ Decreto de 9 de Maio da Casa Civil da Presidência da República. Arquivo da CPT.

⁸⁹ OLIVEIRA. Robson Moreira. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida em áudio pelo colaborador ao pesquisador sobre a luta pela conquista do Assentamento Nova Conquista II. Transcrição feita pelo pesquisador.

⁹⁰ Contrato de Concessão de uso, sob condição resoluto da terra. Arquivo Pessoal.

⁹¹ Livro de Atas da associação do Assentamento Nova Conquista II.

Robson Moreira diz ter conhecido Rosilda Nere e se comoveu com a situação ao qual esta enfrentava, pois possuía um grande número de gados, cabritos e carneiros e um dos objetivos de estar na propriedade seria desapropriá-la. Seu pai Manoel de Oliveira, a incentivou a vendê-los para poder continuar na propriedade. Mas foi nesse período que Robinho foi a luta e não foi preciso que ela se desfizesse dos animais.

Atualmente o assentamento se encontra sossegado, livre de ameaças e medos por parte desses militantes. É um local muito próspero, pois possuem terras férteis e os agricultores plantam o ano inteiro, contando com a ajuda das águas do Rio Paraíba para irrigar a produção. A associação dos agricultores rurais tem como presidente um dos precursores dessa história, a quem todos os agricultores do assentamento mantêm eterna gratidão: Robson Moreira de Oliveira, homem simples, verdadeiro e guerreiro, que vem desempenhando um papel muito promissor buscando e trazendo para dentro do assentamento projetos a exemplo da apicultura que hoje já possuímos uma associação dos apicultores (as) do Assentamento Nova Conquista, fundada em 2011 e possui em média 20 apicultores formados pelo Sebrae, e produzindo cerca de mil litros de mel por ano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegar a conclusão deste trabalho é uma realização. Percebo o quanto foi essencial escrever sobre a comunidade a qual faço parte, descobri minha verdadeira história, minhas origens e onde chegar assumo, eu sou agricultora, filha de assentados residente no atual Assentamento Nova Conquista II.

Ao longo da trajetória deste trabalho, conheci pessoas ao qual foram essenciais na trajetória da luta e hoje percebo a importância dessas pessoas, sua ousadia, e agradeço-as por se disponibilizarem a me ajudar nesta pesquisa tão prazerosa. Em alguns momentos deparei-me com situações que me amedrontaram, mas os próprios protagonistas me incentivavam todas as vezes que nos encontrávamos, me davam aquele apoio moral com palavras sinceras, muitas vezes chegaram a dizer: cada um vem a terra com uma missão, nós cumprimos a nossa de conquistar esse pedaço de chão, agora Deus te deu a oportunidade de registrar esse marco para as gerações futuras.

Foram muito prazerosas e proveitosas todas as entrevistas, vejo o quanto eu aprendi neste período, o quanto eu descobri, e o quanto estou realizada, tanto por conhecer a história da luta quanto por que essa história dos vencedores, que não desistiram, lutaram e estão aí usufruindo da sua luta. Percebi em cada fala a importância de acreditar que as coisas vão dar certo um dia, embora não seja hoje, embora falharmos hoje, mas não devemos baixar a cabeça e cruzar os braços em nenhuma situação, pois é isso que muitos querem. Imagina se seu Luís Miguel tivesse desistido no primeiro empecilho, ou Robson Moreira tivesse aceitado aquelas condições, onde estaríamos hoje?

Homens dignos de admiração e respeito que deram a cara por uma luta, e o resultado foi positivo, embora haja muitos casos, em que não podemos concluir com a mesma felicidade. Ainda nos dias atuais os conflitos no campo continuam aumentando e muita gente morrendo de forma brutal por assumir esta luta junto com os pequenos, com aqueles que não têm apoio.

Fico feliz em poder registrar essa história, agora posso dizer uma história de vitória, onde o povo não se calou, não fracassou não se acovardou! E que essa história seja um incentivo a pessoas ou a comunidades que vivem realidades parecidas com a qual vivenciamos um dia.

Desta forma podemos aprender com esses militantes a não desistir, ir a luta em prol do que desejamos. Muitos guerreiros já perderam sua vida, outros tiveram suas famílias dilaceradas, outros desistiram, mas todas essas pessoas já contribuíram de alguma forma para que conquistas como esta, possam se repetir no futuro. Como nos diz Aurélio de Albuquerque que é inútil matar ideias com tiros. Pois João Pedro Teixeira e Margarida Maria Alves não morreram em suas vozes, suas tentativas, seus gritos foram ouvidos, e por meio de seus exemplos hoje muitos usufruem da conquista realizada por meio desta luta.

Portanto é importante escrever a história que poucos se importam, e registrar a memória que não se dá importância, para que gerações futuras não percam estas informações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

ALBERTI, Verena – 1998 - *O acervo de história oral do CPDOC: trajetória de sua constituição*. Rio de Janeiro: CPDOC, 1998. 18f (disponível para download em www.cpdoc.fgv.br).

ALBERTI, Verena. *O lugar da história oral: o fascínio do vivido e as possibilidades de pesquisa*. IN: ALBERTI, Verena: *Ouvir Contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro, FGV. 2007, p.23.

BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro. Zahar, 2001. *Cabra marcado para morrer*. Direção e produção de Eduardo Coutinho. 1984. Duração; 119 min. < Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=JE3T_R-eQhM> Acesso em 22 de julho de 2017.

DANTAS, Gabriela Cabral da Silva. "Memória"; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/psicologia/memoria-1.htm>>. Acesso em 07 de agosto de 2017.

ENTREVISTAS: *abordagens e usos da história oral/ Marieta de Moraes Ferreira (coord.)*, Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1994.

FERNANDES, Irene Rodrigues. *Atividades produzidas na Paraíba*. João Pessoa; Ed. Universitária/ UFPB, 1999.

FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerras. *Raízes da indústria da seca: o caso da Paraíba*. João Pessoa, Editora Universitária, 1993.

GALLIZA, Diana Soares de. *O declínio da escravidão na Paraíba: 1850 – 1888*. João Pessoa, Editora Universitária, 1979.

GURJÃO. Eliete de Queirós. *Morte e vida das oligarquias*. João Pessoa: Ed, Universitária/ UFPB, 1994.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HERCKMANS, Eias. *Descrição geral da capitania da Paraíba*. João Pessoa, A União, 1982.

LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil*. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1997.

LEWIN, Linda. *Política e parentela na Paraíba: um estudo de caso da oligarquia de base familiar*. Trad. André Villalobos. Rio de Janeiro, Record, 1993.

LUCENA, Amara Dantas. *O controle administrativo das oligarquias paraibanas na República impulsionadas pela economia em ascensão (1989 – 1930)*. 2014. 26f. Monografia. Departamento de História. Universidade Estadual da Paraíba.

MOREIRA, Emília. *Por um pedaço de chão*. João Pessoa. Editora Universitária, 1997.

MOURA, Thaíse Espínola Miranda. *Virginia: passado, futuro e presente na política*. 2016. 38f. Monografia (Graduação em Jornalismo) – Departamento de Comunicação, Turismo e Artes, Universidade Federal da Paraíba.

NETO, Bento Correia Souza. *Governo interventorial e relações de poder na Paraíba pós-1930: administração de Gratuliano Brito (1932 - 1934)*. 2016. 242f. Monografia. Departamento de ciências humanas. Letras e artes. Universidade Federal da Paraíba.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte. Autêntica, 2012.

SANTOS, Antônio Cesar de Almeida. *Fontes Oraís: Testemunhos, trajetórias de vida e história*. Curitiba, Arquivo Público do Paraná. www.pr.gov.br/arquivo/pdf/palestra-fontes_orais.pdf. Acesso: 22 de Julho de 2017.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

VAINFAS, Ronaldo. In: _____. *Historiadores do nosso tempo*. Lopes, Marco Antônio; Munhoz, Sidney J. São Paulo: Alameda, 2010, p.9.

VILLAÇA, Paulo. “Bico do Papagaio”. In: Motta, Márcia (orgs.). *Dicionário da terra*. São Paulo: Editora Record, 2005.

VILLAÇA, Marcos Vinícios; ALBUQUERQUE, Roberto Cavalcanti de. *Coronéis: Apogeu e declínio do coronelismo no Nordeste*. 5 ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2006.

FONTES ORAIS

ALMEIDA, Paulo Gomes, 66 anos, agricultor, 18 de Outubro de 2017, 46 min. e 3 s.

MOTA, Reginaldo Francisco da Silva, 42 anos, agricultor, 01 de Novembro de 2017, 25 min. e 10 s.

MOTA, Teresinha Maria da Silva, 69 anos, agricultora, 01 de Novembro de 2017, 14 min. e 56 s.

OLIVEIRA, Antônio Joaquim, 45anos, agricultor, 4 de Outubro de 2017, 1h e 33 min.

SILVA, Heleno Vicente, 65 anos, carpinteiro/ agricultor, 01 de Novembro de 2017, 40 min. e 40 s.

SILVA, Luís Miguel, 85 anos, agricultor, o2 de Agosto de 2017, 1h e 57min.

FONTES DOCUMENTAIS

ASSOCIAÇÃO DOS AGRICULTORES RURAIS DO ASSENTAMENTO NOVA CONQUISTA II: Livro de Atas/ Planta da propriedade;

CARTÓRIO DE NOTAS E IMÓVEIS PILAR: Certidão do Imóvel Rural das Fazendas Reunidas Recreio;

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA: Solicitação das vistorias dos imóveis rurais: Fazenda Reunidas Recreio na cidade de Pilar;

INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária): OFÍCIO INCRA/SR(18)Gnº 172/2004;

MARIZ, Celso. 2ed, João Pessoa. A UNIÃO. s/d, p. 125/127. ANUÁRIO AÇUCAREIRO DE 1935, p. 114.

MDA (MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO):Tipos de Projetos e Números de Famílias Assentadas nos Projetos de Reforma Agrária.

ANEXOS

Pilar



Ministério do Desenvolvimento Agrário - MDA
Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA
Superintendência Regional na Paraíba
Rua Desportista Aurélio Rocha - 592 - Bairro dos Estados - João Pessoa
Telefone: 244-1442 - Fax: 244-1624
www.incra.gov.br/srs/pb

OFÍCIO/INCRA/SR-18/G/Nº 172/04

João Pessoa/PB, 19 de Abril de 2004

A Sua Senhoria o Senhor
AGRIPINO DE OLIVEIRA NETO
Superintendente de Polícia Federal
No Estado da Paraíba

Senhor Superintendente,

Cumprimentando-o, reiterando o ofício, aqui transcrito, sirvo-me do presente para relatar o seguinte:

"Ontem, 16.04.2004, , técnicos do INCRA foram impedidos de continuar os trabalhos de vistoria no imóvel rural denominado "Fazenda Recreio", de propriedade das senhoras Mariza Peixoto Veloso Borges, Adete Peixoto Veloso Borges Buarque de Gusmão, Walquíria Peixoto Veloso Borges e Virginia Maria Peixoto Veloso Borges, localizado no Município de Pilar, estado da Paraíba, cf. prova o relatório em anexo, subscrito pela Comissão encarregada da realização do levantamento preliminar de dados e informações no referido imóvel.

Não obstante tenham sido regularmente notificados da realização da vistoria, nos termos da Lei 8.629/93, os proprietários, através administradores da propriedade, atualmente privam esta Autarquia do exercício regular de suas atribuições legais, mormente a verificação do cumprimento da função social do referido imóvel, exigida constitucionalmente (art.184 da CF), infringindo, em tese, o disposto no art. 329 do Código Penal Brasileiro.

Recebi o original
em 31.05.04
f. @mente
1115
Favor devolver cópia recebida;



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
CARTÓRIO DE NOTAS E REGISTRO DE IMÓVEIS
PILAR - PARAÍBA

Deixa
Comarca
Domínio de
Relevo e Cota
de Trabalho

CERTIDÃO.

Certifico, para os devidos fins de direito, atendendo o Ofício do Sr. chefe de Revisão Técnica do INCRA nº /SR-18/T que depois da necessária busca no arquivo existente neste Cartório, revendo o Livro 2-E as fls. 27 da matrícula nº 998, datado de 1991. O Imóvel Rural denominado FAZENDAS REUNIDAS RECREIO^o, compostas dos imóveis Lagoa do Gonçalves, Juruá da Galhofa, Galhofa, Jacaré e Baquara, sendo vizinhos os imóveis Santa Lúcia e Figueiredo, deste município; determinado o levantamento topográfico das propriedades antes mencionadas que formam um só todo e que tem uma área total de 3.838.065hás. com os limites conforme a planta em referência que fará parte: ao Norte, com terras de Manoel Hermínio de Medeiros; ao Oeste, com terras dos herdeiros do Dr. Flaviano Ribeiro Coutinho, José Valério, Sebastião Pereira de Paiva, Agenor José de Araújo, herdeiros de Fernando de Oliveira Freitas, Severino Flor, Rubens Ramos da Silva, Joaquim Guilherme da Silva, José Benício Araújo Filho, José Batista de Carvalho, Sebastião Silva, José Firmino de Lima, herdeiros de João de Jesus Maurício e Severino Pinto; ao Leste, com terras de Luíza Ferreira Barbosa, Benedito Gabriel de Souza, Edite Maciel da Silva, Adelino Fidelis de Andrade,, herdeiros de Josefa Maria da Conceição, José Pereira de Farias, e herdeiros de José Pedro da Silva, e ao Sul, com terras de Maurício Borba, Manfredo Velloso Borges e Agropecuária Lagoa da Cruz, sendo desde já feita a fusão.

NOME, DOMICÍLIO E NACIONALIDADE DO PROPRIETÁRIO: O Espólio do Dr. Aguinaldo Velloso Borges, (falecido), era casado, industrial, era residente em Recreio deste município e era portador do CIC sob o nº 003.445.834-49.

NÚMERO DO REGISTRO ANTERIOR: 238 as fls. 63.63, 854 as fls.221, 928 do Livro 3-A, 1.429 às fls. 08 e 1.340 as fls. 25/26, 1.490 às fls.51, 1.568 às fls. 65, 2.192 as fls. 66 do Livro 3-B, 2.196 às fls. 67, 2.352 às fls.80/81 do Livro 3-C, 2.836 às fls. 72, 2920 as fls.85 Livro 3-D, 101 às fls. 17 do Livro 3-E, 4.845 às fls. 62 do Livro 3-F, 5.557 as fls. 44 do Livro 3-J, 5.483 às fls. 12 do Livro 3-J, 5.999 as fls. 70 do Livro 3-A e 6004 as fls. 70/71 do Livro 3-A, datado de 09 de agosto de 1972, 31 de julho de 1936, 15 de agosto de 1972, 17 de outubro de 1942, 24 de fevereiro de 1944, 05 de abril de 1943 e 10 de outubro de 1940, tudo no Registro de Imóveis desta Comarca. O referido é verdade dou fé. O Oficial do Registro: Heitor Macedo do Nascimento

Certifico, que no pé da matrícula consta o seguinte Registro: R-2/998. Pilar, 6 de fevereiro de 1991. Procedeu-se a este Registro nos termos do Formal de Partilha (herança) passado pelo Cartório do 3º Ofício Civil e Comercial Pessoa Milanêz, da Comarca de João Pessoa, capital do Estado pelo escrevente- Francisco de Assis Correia, no dia 01 de fevereiro de 1991 e assinado pelo Bel. Francisco de Assis Martins- Juiz de Direito da 3ª Vara Civil da Comarca de João Pessoa Capital do Estado, coube uma parte ideal pura e simples, correspondente a fração de 2,778.% no imóvel constante da presente matrícula a herdeira VIRGÍNIA MARIA PEIXOTO VELLOSO BORGES, desquitada, empresária, residente a Rua Monteiro Lobato, nº 340, aptº 502, Tambaú, na cidade de João Pessoa, portadora do CIC do Ministério da Fazenda sob o nº 468.477.904-15; no Inventário dos Bens deixados por falecimento do Dr. Aguinaldo Velloso Borges, era Industrial, brasileiro, domiciliado e residente na Avenida Eptácio Pessoa, nº 25, na cidade de João Pessoa Capital do Estado, era portador do CIC do Ministério da Fazenda sob o nº 003.445.834-49, no valor de Cr\$ 4.264.516,60 (quatro milhões duzentos e sessenta e quatro mil quinhentos e dezesseis cruzeiros e sessenta centavos) não havendo condições o referido é verdade dou fé e assino O Oficial do Registro: Heitor Macedo do Nascimento.



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
CARTÓRIO DE NOTAS E REGISTRO DE IMÓVEIS
PILAR – PARAÍBA

Cartório de Notas
Comarca de Pilar
Domicílio Monteiro da
Silva - Oficial de
Tabelião e Escrevente

Certifico ainda que 50% (cinqüenta por cento) do imóvel constante da presente matrícula coube a viúva meeira senhora MARIA LUÍZA PEIXOTO VELLOSO BORGES, conforme Formal de Partilha Registrado sob o nº R-1/998 as fls. 27 do Livro 2-E, datado de 06 de fevereiro de 1991.

Certifico ainda que, 50% foi dividido e coube a cada herdeiro uma fração de 2.778%, equivalente a 106,612 hectares, conforme Escritura Pública de Divisão lavrada as fls. 18 a 24 do Livro 53 das Notas deste Cartório.

Certifico ainda que, foi averbada a escritura de Divisão sob o nº 1.017 as fls. 48 do Livro 2-E, datado de 16 de novembro de 1992, ficando portanto a viúva meeira senhora Maria Luíza Peixoto Velloso Borges com 1.919.032hectares, em comum com as quatro herdeiras originárias, cada uma com 106,615 hectares, perfazendo um total de 2.335,480 hectares, com os seguinte limites: ao Norte, com terras de José da Silva, José Valério, Agenor José de Araújo, herdeiros de João de Jesus Maurício, Orlando Pedro da Silva José Ernesto, Maria das Dores Pereira da Silva; ao Sul, com terras de Maria das Dores da Silva, Severino Vicente da Silva, Maria Dulce Vicente César, Gilda Velloso Ribeiro, Maria das Dores Pereira, ao Leste, Sebastião Pereira de Paiva, herdeiros de Fernando de Oliveira Freitas, Severino Flor, Joaquim Guilherme da Silva, Rubens Ramos da Silva, José Benício de Araújo Filho, Fazenda Independência, rio Paraíba, José Augusto de Brito, José Rodrigues costa, herdeiros de Roberto Paulino e Maria das Dores Pereira da Silva; ao Oeste, com terras da Agropecuária Lagoa da Cruz, Antonio do Rego, herdeiros de Manoel herdeiros de Medeiros, Severino Pinto, José Batista, Sebastião Silva, e Maria das Dores Pereira, cadastrada no INCRA sob o nº 211.060.003.069.5.

Certifico, que uma parte de terras do imóvel constante da presente medindo 100há. (cem hectares), pertencente Maria Luiza Peixoto Velloso Borges, foi adquirida pela senhora MARISA PEIXOTO VELLOSO BORGES conforme escritura pública de compra e venda lavrada as fls.153v - 155V do Livro nº 53, das notas deste Cartório e Registrado sob o nº R-4/1.017 as fls. 48 do Livro 2-E, datado de 26 de julho de 1993, com os seguintes limites ao Norte, com terras de dona Maria Luiza Peixoto Velloso Borges; ao Sul, com o rio Paraíba; ao Leste, com dona Maria Luiza Peixoto Velloso Borges; ao Oeste, com terras de dona Virgínia Velloso Borges; ficando portando a senhora MARISA PEIXOTO VELLOSO BORGES, com uma área de 206,612 hectares.XXXXXXX

Certifico ainda que, o imóvel constante da presente matrícula pertencente a senhora Marisa Peixoto Velloso Borges se encontra Hipotecado e Penhorado junto ao Banco do Nordeste do Brasil s/a, AGÊNCIA Alagoa Grande-PB.

Certifico, ainda que pesam penhoras da Justiça do Trabalho da Única Junta de Conciliação e Julgamento da cidade de Itabaiana-PB.

Certifico ainda que, pelos Registros acima já mencionados o referido imóvel pertenceu restes últimos vinte (anos) ao Dr. Aguinaldo Velloso Borges. O referido é verdade dou fé. O Oficial do Registro: Domicílio Monteiro da Silva.

Pilar, 03 de julho de 2003.

DOMICILIO MONTTEIRO DA SILVA.

Cartório de União Oficial
Comarca de Pilar - PB



Presidência da República
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos

DECRETO DE 9 DE MAIO DE 2005.

Declara de interesse social, para fins de reforma agrária, os imóveis rurais que menciona, e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso das atribuições que lhe conferem os arts. 84, inciso IV, e 184 da Constituição, e nos termos dos arts. 2º da Lei Complementar nº 76, de 6 de julho de 1993, 18 e 20 da Lei nº 4.504, de 30 de novembro de 1964, e 2º da Lei nº 8.629, de 25 de fevereiro de 1993,

DECRETA:

Art. 1º Ficam declarados de interesse social, para fins de reforma agrária, nos termos dos arts. 18, letras "a", "b", "c" e "d", e 20, inciso VI, da Lei nº 4.504, de 30 de novembro de 1964, e 2º da Lei nº 8.629, de 25 de fevereiro de 1993, os seguintes imóveis rurais:

I - "Fazenda Santa Maria", com área registrada de mil, sessenta e nove hectares e vinte ares e área medida de mil, duzentos e setenta e quatro hectares e dez ares, situado no Município de Adustina, objeto das Matrículas nºs 10.615, fls. 216/217, Livro 3-J; 11.508, fls. 241/142, Livro 3-L e 83, fls. 83, Livro 2, do Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Paripiranga, Estado da Bahia (Processo INCRA/SR-23/nº 54370.000276/2003-60);

II - "Fazenda Piscamba e Mato Fundo", com área de mil, quatrocentos e dois hectares, onze ares e vinte centiares, situado no Município de Cristalina, objeto do Registro nº R-4-6.526, fls. 188, Livro 2-W, do Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Cristalina, Estado de Goiás (Processo INCRA/SR-04/nº 54700.001029/2004-82);

III - "Fazenda Sanharão, Perobas e Inhumas", com área registrada de três mil, novecentos e oitenta e quatro hectares e vinte e dois ares e área medida de quatro mil, cento e noventa e sete hectares, quarenta e seis ares e sessenta e oito centiares, situado no Município de Campina Verde, objeto dos Registros nºs R-27-651, fls. 52, Livro 2-C; R-10-7.733, fls. 66, Livro 2-AD; R-16-653, Ficha 4, Livro 2; R-29-652, fls. 53, Livro 2-C; R-12-848, fls. 251, Livro 2-C; R-1-11.122, Ficha 1, Livro 2; R-1-10.111, fls. 111, Livro 2-AM e R-7-5.206, fls. 194, Livro 2-S, do Cartório de Registro Geral de Imóveis da Comarca de Campina Verde, Estado de Minas Gerais (Processo INCRA/SR-06/nº 54170.003267/2002-04);

IV - "Fazenda Bacuryzinho", com área de mil e sessenta e quatro hectares e oitenta ares, situado no Município de São João do Araguaia, objeto dos Registros nºs R-10-271, fls. 1/2, Livro 2-A e R-8-272, fls. 1 e 3, Livro 2-A, do Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Marabá, Estado do Pará (Processo INCRA/SR-27/nº 54600.001514/2001-31);

V - "Fazenda Água da Saúde", com área de mil, oitocentos e um hectares e cinquenta ares, situado nos Municípios de Itupiranga e Novo Repartimento, objeto da Matrícula nº 98, fls. 01, Livro 2, do Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Itupiranga, Estado do Pará (Processo INCRA/SR-27/nº 54600.001986/2003-56); e

VI - "Fazendas Reunidas Recreio", com área de setecentos e oitenta e um hectares, quarenta e quatro ares e oitenta centiares, situado no Município de Pilar, objeto das Matrículas nºs 1.182, fls. 59, Livro 2-G; 1.183, fls. 60, Livro 2-G; 1.184, fls. 61, Livro 2-G; 1.185, fls. 62, Livro 2-G e Registros nºs R-1-998, fls. 27, Livro 2-E; R-3-1.017, fls. 48, Livro 2-E; R-2-1.017, fls. 48, Livro 2-E; R-1-1.017, fls. 48, Livro 2-E; e R-4-1.017, fls. 48, Livro 2-E, do Cartório de Notas e Registro de Imóveis da Comarca de Pilar, Estado da Paraíba (Processo INCRA/SR-18/nº 54320.000462/2003-94).

Art. 2º Excluem-se dos efeitos deste Decreto os semoventes, as máquinas e os implementos agrícolas, bem como as benfeitorias existentes nos imóveis referidos no art. 1º e pertencentes aos que serão beneficiados com a sua destinação.



COMISSÃO PASTORAL DA TERRA

Av. Gen. Osório, s/n – Centro
58.010-780 – João Pessoa – PB
Fone: (83) 221.6115
E-mail: cptpb@uol.com.br

João Pessoa, 11 de setembro de 2003

**Ao: Superintendente do INCRA
Dr. Júlio César Ramalho**

Sr. Superintendente,

A Comissão Pastoral da Terra vem através deste, solicitar desta autarquia, as vistorias das seguintes imóveis rurais:

1. Fazendas Reunidas Recreio, composta dos Imóveis:

- Lagoa do Gonçalo
- Juruá do Galhofa
- Galhofa
- Jacaré e Baquara

2.335,480 ha

Proprietárias: Virgínia Maria Peixoto Velloso Borges, Marisa Peixoto Velloso Borges, Valquíria Peixoto Velloso Borges, Adete Peixoto Velloso Borges Buarque de Gusmão.

Município: Pilar

Sem mais para o momento, agradecemos a atenção.


Tânia Maria de Sousa
Coordenação da Comissão Pastoral da Terra

Recebido
Em, 12.09.03


Maria Inez Marinho do Rego
Chefe de Gabinete
Portaria/INCRA/P/Nº 574/2003

Tipos de Projetos Criados e o Número de Famílias Assentadas nos Projetos de Reforma Agrária

Período da Criação do Projeto : 01/01/1970 Até 20/09/2016

Codigo do Projeto	Nome do Projeto	Tipo do Projeto	Área (Ha)	Capac. de Famílias	Nº Famílias Assentadas		Total
					Titulados	Não Titulados	
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DO ESTADO DA PARAIBA - SR (18) UF: PB							
PEDRAS DE FOGO							
PB0018000	PA ENGENHO FAZENDINHA	Assentamento Federal	598,6136	84	80	4	84
PB0045000	PA CORVOADAS	Assentamento Federal	153,5609	31	31	0	31
PB0062000	PA ENGENHO NOVO II	Assentamento Federal	348,3732	58	0	57	57
PB0063000	PA NOVA TATIANE	Assentamento Federal	155,2404	27	15	12	27
PB0066000	PA ITABATINGA	Assentamento Federal	660,1366	107	0	107	107
PB0068000	PA NOVA AURORA	Assentamento Federal	407,5217	98	0	98	98
PB0076000	PA SANTA TEREZINHA	Assentamento Federal	440,4500	62	29	33	62
PB0090000	PA CAMPO VERDE	Assentamento Federal	1.091,0000	142	0	142	142
PB0230000	PE ENGENHO NOVO	Assentamento Estadual	311,0476	40	0	38	38
PB0265000	PE SANTA EMILIA	Assentamento Estadual	179,9112	15	0	15	15
PB0267000	PE MATA DE VARA	Assentamento Estadual	566,9567	106	0	106	106
PB0325000	PA CANAA	Assentamento Federal	199,5030	24	0	24	24
Totais do Município :			5.112,3149	794	155	635	791
PILAR							
PB0235000	PE BARRA DE SÃO JOSÉ	Assentamento Estadual	48,2070	14	0	14	14
PB0268000	PA NOVA CONQUISTA	Assentamento Federal	781,4480	109	0	109	109
PB0324000	PA PRATO CHEIO	Assentamento Federal	39,4787	5	0	5	5
Totais do Município :			869,1337	128	0	128	128
PILOES							
PB0097000	PA VENEZA	Assentamento Federal	300,0000	26	0	26	26
PB0098000	PA SÃO FRANCISCO I	Assentamento Federal	432,0000	28	0	28	28
PB0099000	PA SANTA MARIA	Assentamento Federal	268,7000	27	0	27	27
PB0101000	PA REDENÇÃO	Assentamento Federal	969,0000	94	0	94	94
PB0264000	PA FLORESTAM FERNANDES	Assentamento Federal	450,0000	41	0	41	41



MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO - MDA
INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA - INCRA

01 - CARACTERÍSTICAS DO CONTRATO

ESPÉCIE				Prazo de Validade (Anos)	
CONTRATO DE CONCESSÃO DE USO, SOB CONDIÇÃO RESOLUTIVA				05	
NÚMERO DO CONTRATO	DATA	LOCAL DE EMISSÃO	UF	PROCESSO ADMINISTRATIVO	
PB02680000102	02/05/2007	JOAO PESSOA	PB	54320.000499/2007-46	

02 - OUTORGANTE

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA - INCRA - Autarquia Federal criada pelo Decreto Lei nº 1.110, de 09 de julho de 1970, alterado pela Lei nº 7.231, de 23 de outubro de 1984, CGC nº 00.378.972/0001-60, sede e jurisdição em todo território nacional.

03 - UNIDADE FAMILIAR - MULHER BENEFICIÁRIA

TERESINHA MARIA DA SILVA MOTA					
NACIONALIDADE		ESTADO CIVIL		PROFISSÃO/ATIVIDADE PRINCIPAL	
BRASILEIRA		VIUVA		AGRICULTORA	
DOCUMENTO DE IDENTIFICAÇÃO					
2005541 - SSP/PB					
CPF/CGC		DATA DE NASCIMENTO		NATURALIDADE	
035.769.294-28		28/02/1948		ITABAIANA	
UF		CÓDIGO DO BENEFICIÁRIO			
PB		PB02680000102			

UNIDADE FAMILIAR - HOMEM BENEFICIÁRIO

NACIONALIDADE		ESTADO CIVIL		PROFISSÃO/ATIVIDADE PRINCIPAL	
*****		*****		*****	
DOCUMENTO DE IDENTIFICAÇÃO					
***** _ *****					
CPF/CGC		DATA DE NASCIMENTO		NATURALIDADE	
*****		*****		*****	
UF		CÓDIGO DO BENEFICIÁRIO			
**		*****			

04 - FUNDAMENTAÇÃO LEGAL

Leis nº 4.504, de 30 de novembro de 1964; 4.947, de 06 de abril de 1966; 8.629, de 25 de fevereiro de 1993 e Decreto nº 59.428, de 27 de outubro de 1986 e alterações posteriores.

05 - CARACTERÍSTICAS E CONFRONTAÇÕES DO IMÓVEL

IDENTIFICAÇÃO DO IMÓVEL					
PA NOVA CONQUISTA					
IMÓVEL	MUNICÍPIO DE LOCALIZAÇÃO			UF	CÓDIGO DO IMÓVEL NO SNCR
RURAL	PILAR			PB	781,4480
ÁREA (Ha)					

CONFRONTAÇÕES DO LOTE / PROJETO					
NORTE: SUL: LESTE: OESTE:					

ÁREA DE EXPLORAÇÃO COLETIVA				ÁREA DA FRAÇÃO (Ha)	
FRAÇÃO IDEAL DE 1/ 98 DA ÁREA DE EXPLORAÇÃO COLETIVA 781,4480 Ha				7,9740	

ÁREA TOTAL OUTORGADA POR EXTENSO				ÁREA TOTAL (Ha)	
SETE HECTARES, NOVENTA E SETE ARES E QUARENTA CENTIARES				7,9740	

PLANTA E MEMORIAL DESCRITIVO.					
DATA	RESPONSÁVEL PELA MEDIÇÃO/DEMARCAÇÃO			CREA	
*****	*****			*****	

REGISTRO IMOBILIÁRIO DO IMÓVEL DE ORIGEM.					
PROPRIETÁRIO	MATR/TRANSC.	OFÍCIO	LIVRO	FOLHA/FICHA	COMARCA
INCRA					
					UF
					PB

O PRESENTE TÍTULO REGE-SE PELAS CLÁUSULAS E CONDIÇÕES ESPECIFICADAS NO VERSO

IMPRESSO ELETRONICAMENTE PELO SISTEMA DE INFORMAÇÕES DE PROJETOS DE REFORMA AGRÁRIA - SIPRA - V. WEB

ESTADO DA PARAIBA

ASSOCIAÇÃO DOS APICULTORES E APICULTORAS DO ASSENTAMENTO
NOVA CONQUISTA

SÃO JOSÉ DOS RAMOS-PB 03 DE JANEIRO DE 2011

ATA DE FUNDAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS APICULTORES E APICULTORAS
DO ASSENTAMENTO NOVA CONQUISTA

Aos Três Dias (03) do Mês de Janeiro (01) de Dois Mil e Onze (2011), as Nove Horas da Manhã (09h00min), na Seda da Associação dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais do Assentamento Nova Conquista II, reuniram-se os Apicultores e Apicultoras do Assentamento Nova Conquista, Município de São José dos Ramos-PB, com o objetivo de fundar a Associação dos Apicultores e Apicultoras do Assentamento Nova Conquista. Para coordenar os trabalhos foi eleito o Sr. **Robson Moreira de Oliveira**, **Maria de Fátima Moureira de Oliveira** e para secretariar o Sr. **Givaldo Gomes Borges**.

A coordenação deu início aos trabalhos com todos os Apicultores presentes, que concordaram com a formação da Associação, e foi consenso de todos que a mesma receba o nome de Associação dos Apicultores e Apicultoras do Assentamento Nova Conquista. Em seguida foi apresentada uma chapa única para compor a diretoria, uma vez que não houve concorrência.

A eleição se procedeu por votação secreta tendo sido eleito por unanimidade os seguintes membros: Presidente: **Rubens Moreira de Oliveira**, apicultor, Casado, Vice-Presidente: **Pedro Alves da Silva**, apicultor, solteiro, Primeiro-Secretario: **Givaldo Gomes Borges**, apicultor, solteiro, Segundo-Secretario: **Robson Moreira de Oliveira**, apicultor, solteiro, Primeiro-Tesoureiro: **Eris Gomes Pereira**, apicultor, solteiro, Segundo-Tesoureiro: **Edjane Gomes da Silva**, apicultora, solteira e para o Conselho Fiscal Titulares: **Sebastião de Paiva Souza**, apicultor, solteiro, **Risoleta Moureira de Oliveira**, apicultora, solteira, **Maricélia Flora de Araújo**, apicultora, solteira e como Suplentes: **Severino Antônio da Silva**, apicultor, solteiro, **José Ricardo Gomes Monteiro**, apicultor, solteiro, **Severino dos Santos Clementino**, apicultor, solteiro.

Todos Apicultores e residentes no Assentamento Nova Conquista, Município de São José dos Ramos-PB. Depois de realizada a eleição foram todos empossados para um mandato de dois anos. A diretoria eleita agradeceu a confiança neles depositadas se comprometendo trabalhar em prol do desenvolvimento socioeconômico de todos os sócios e suas famílias. Não havendo mais nada a tratar a coordenação dos trabalhos deu pro encerrado a reunião, e eu que servi de secretário lavrei a presente ata que vai por mim assinada e por todos os presentes a reunião.



Associação dos Apicultores e Apicultoras do Assentamento Nova Conquista

São José dos Ramos-PB, 03 de Janeiro de 2011.



2

Presidente: Rubens Moreira de Oliveira

Vice-Presidente: Pedro Alves da Silva

Primeiro-Secretario: Oivaldo Gomes Borges

Segundo-Secretario: Rubens Moreira de Oliveira

Primeiro-Tesoureiro: Enis Gomes Pereira

Segundo-Tesoureiro: Edyone Gomes da Silva

Conselho Fiscal:

1- Adairton de Passos Moura

2- Risoleta Moura de Oliveira

3- Maricélia Flor de Araújo

Suplentes:

1- Serapim Antonio da Silva

2- Isabela M do Santos no Mello

3- Serapim dos Santos Clementino

SERVIÇO NOTARIAL E REGISTRAL DO ÚNICO OFÍCIO
 COMARCA DE PILAR - PB
 Protocolo N° 2180
 Pág. 29 Livro N° A. N. 9
 Registrando N° 758 de 1984
 Livro n° A-3 Registro Ala
 Apresentado Hoje 19 de Janeiro de 2011
 Oficial Dominico de Azevedo

SERVIÇO NOTARIAL E REGISTRAL DO ÚNICO OFÍCIO
 OFÍCIO - COMARCA DE PILAR - PB
 Rubens Moreira de Oliveira
 por autenticidade. Dou fé. Emissor de verdade.
 Pilar 19 de Janeiro de 2011
 TABELAÇÃO



CARTÓRIO 2º QUARTO
 ITABANA - P. 14
 CN- 44.140-00-0000-00
 Livro N° 2180 de 25/01/10-10
 Data: 04 de 04 de 2011
Edyone
 Tício Lira Araújo

EMOLUMENTOS
 Firma R\$ _____
 Autentic R\$ 167
 TARPEN R\$ 2,50
 TFF R\$ 0,03

Um caso de alegria DESAPROPRIAÇÃO DO E
ENGENHO REUNIDO RECRÉIO

Como tem acontecido em áreas vizinhas, beirando o rio da Paraíba em Pilar, visto que com a criação de camarão, as proprietárias, filhas de Agnaldo Veloso Borges visaram ter mais uma grande fonte de renda, as 98 famílias ou seja uma média de umas 700 pessoas adultas, jovens e crianças, começaram sentir a pressão dos proprietários pra desocupar a margem do rio, local onde eles sempre tiveram a possibilidade de sempre se fazer melhor na agricultura, especialmente em época de verão com verdura e com criação, gado, pois o lugar é mais úmido e próprio pra pasto. Ainda várias famílias contam com sítios feitos com sacrifício durante muito tempo pois todos são nativos e se criaram no local. Diante da tentativa de bulir com alguns e o fato que o esposo de uma delas, Zito Buarque falou com os moradores que ia vender a propriedade pelo banco da terra, todos sentiam-se ameaçados e procuraram o Sindicato do lugar. Sentindo a fraqueza da direção do Sindicato, pois o mesmo sofre certa pressão dos proprietários, o grupo de posseiros solicitou o apoio da CPT do Agreste e assim o STR se afastou pois não concordava com o encaminhamento da CPT, ou seja o pedido da desapropriação. Decidido isto, marcaram-se visitas e reuniões na área. Isto aconteceu mesmo com bastante risco pois foram vistos policiais conhecidos a paisana armados e os agricultores passaram a ser ameaçados de morte. Foram registradas várias queixas que inicialmente o delegado se recusava de registrar. Estes fatos obrigaram os advogados a CPT acompanhar até o registro de queixas na delegacia. A família de Natália teve sua cozinha derrubada, seus membros ameaçados de armas em punho. Tudo isto

Nova Beza
de Pilar.

ESTADO DA PARA
COMARCA DE PILAR
SERVIÇOS NOTARIAL E REGISTRAL.

CERTIDÃO.

Certifico, para os devidos fins de direito atendendo o Ofício 01/2/SR-18/T, do Sr. Carlos Cavalcante Catão chefe de Divisão Técnica do INCRA, segue inclusa a certidão do Imóvel Rural encravado no Engenho Recreio. Uma parte de terra medindo 206,612 hectares, pertencente a senhora VIRGÍNIA PEXOITO VELLOSO BORGES, Registrado sob os nº R-2/998 e R-3/1.017 as fls. 27 e 48 do Livro 2-E, datado de 06 de fevereiro de 1991 e 26 de julho de 1993. E uma parte de terra medindo 206,612 hectares pertencente a senhora WALQUÍRIA PEIXOTO VELLOSO BORGES, Registrada sob os nº R-3/998 e R-1/1.017 às fls. 27 e 48 do Livro 2-E, datado de 06 de fevereiro de 1991 e 26 de julho de 1993. E uma parte de terras medindo 206,612 hectares pertencente a senhora MARISA PEIXOTO VELLOSO BORGES, Registrado sob os nº R-5/998 e R-4/1.017 as fls. 27 e 48 do Livro 2-E, datado de 06 de fevereiro e 26 de julho de 1993. E uma parte de terras medindo 206,615 hectares pertencente á senhora ADETE PEIXOTO VELLOSO BORGES, Registrado sob os nº R-4/998 e R-2/1.017 as fls. 27 e 48 do Livro 2-E, datado de 06 de fevereiro de 1991 e 26 de julho de 1993.

Certifico, que as três primeiras referidas partes pertencente a VIRGÍNIA MARIA PEIXOTO VELLOSO BORGES, WALQUÍRIA PEIXOTO VELLOSO BORGES E MARISA PEIXOTO VELLOSO BORGES estão Hipotecadas e penhoradas junto ao BANCO DO NORDESTE DO BRASIL S/A, agência da cidade de Alagoa Grande-PB.

Certifico ainda que, constam penhora da Justiça do Trabalho da cidade de Itabaiana-PB, em que são partes: Manoel Sinésio do Amaral e Engenho Recreio; em que são partes: Mariano Silva Oliveira e Engenho Recreio; Severino Artur da Silva e Engenho Recreio, incluindo as (04) quatro partes. O referido é verdade dou fé. O Oficial do Registro: Domício Monteiro da Silva.

Pilar, 16 de junho de 2003.

O Oficial do Registro:


DOMÍCIO MONTEIRO DA SILVA

Cartório do Único Ofício
Comarca de Pilar - PB
Domício Monteiro da Silva
Notário e Oficial do Registro
do Imóvel, etc.

Ursula Ernestina da Silva

12

Atorcelio Paiva do Carmo

Melvin Ernesto da Silva

Pedro Alves da Silva

João Perlicka da Silva

Silvestre Antonio da Silva

Marta de Paiva Souza

Alben Alves da Silva

Ronildo Ramos da Silva

Ronaldo Adriano Silva de Matos

Antonio Rodrigues de Souza

Jose ALVES de Souza

Jose Carlos Soares da Silva

Jose Amador de Souza

Maria de Fatima Moura de Oliveira

Jose Manuel de Oliveira

GRAFSET

Estado da Paraíba
Associação dos Trabalhadores e Trabalhadoras
Rurais do Assentamento Nova Conquista II
São José dos Ramos 05/11/2005.

Termo de abertura

Este livro contém 100.00 páginas, numerada e publicada com a rubrica e servirá para registrar as atas das reuniões dos Associados da Associação dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais do Assentamento Nova Conquista II

Ata de formação da Associação dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais do Assentamento Nova Conquista II

Aos cinco dias do mês de novembro do ano de dois mil e cinco, às quatorze horas, na residência do Sr. Antônio Manuel da Silva, reuniram-se os moradores da Comunidade Nova Conquista II, Município de São José dos Ramos - PB, com o objetivo de fundar a Associação dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Assentamento Nova Conquista II. Para coordenar os trabalhos foi eleita a Sra. Rozilda de Araújo Neri, e para secretariar a Sra. Rizeleta Mourira de Oliveira.

A Coordenadora abriu os trabalhos com todos os assentados presentes, que comemoraram com a formação da Associação, e foi proposto o nome para a Associação, e foi aprovado pela maioria dos presentes que a mesma adotasse o nome de Associação dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais do Assentamento

Nova Conquista II. Em seguida foi apresentada a Chapa única para compor a Diretoria, uma vez que não houve mais ninguém para se candidatar. A eleição se processou por votação secreta tendo sido eleita por unanimidade os seguintes membros:

Presidente: o Sr. Rubson Moreira de Oliveira, agricultor casado; Vice-Presidente a Sra. Rita Ferreira da Silva Casada, agricultora; Primeira Secretária a Sra. Pireslita Moura de Oliveira, agricultora, solteira; Segunda Secretária o Sr. Pedro Alves da Silva, agricultor, casado; Primeiro Tesoureiro o Sr. Sebastião de Paima Souza, agricultor, casado; Segundo Tesoureiro o Sr. Romildo Ramos da Silva agricultor, casado e para o Conselho Fiscal foram eleitos; Titular: O Sr. Ailson Alves da Silva, a Sra. Miriam Cristina da Silva, e o Sr. José Paulo do Nascimento, e como suplentes o Sr. Rubens Moreira de Oliveira, o Sr. Manoel Domingos Carneiro e o Sr. Antônio Rodrigues de Franca, todos agricultores, residentes no Assentamento Nova Conquista II, município de São José dos Ramos-PB. Depois de realizada a eleição foram todos empastados para um mandato de dois anos. A diretoria eleita agradeceu a confiança deles depositada comprometendo-se em trabalhar em prol do desenvolvimento sócio-econômico de todos os associados e suas famílias. Não havendo mais nada a tratar a coordenação dos trabalhos deu por encerrada a reunião, e eu que servi de secretária laurei a presente ata que vai por mim assinada e por todos os sócios presentes.

Assentamento Nova Conquista II, São José dos Ramos-PB, 05 de Novembro de 2005

Presidente: Ruelson Moreira de Oliveira

Vice-Presidente: Rita Ferreira da Silva

Primeiro-Secretário: Rísolita Moreira de Oliveira

Segundo Secretário: Pedro Apes da Silva

Primeiro Tesoureiro: Marcelino de Paiva Souza

Segundo Tesoureiro: Ronaldo Ramos da Silva

Conselho Fiscal:

Titular:

1. Ailson Alves de Silva

2. Miriam Cristina da Silva

3. Jovani Paulo do Nascimento

Suplentes:

1. Ruelson Moreira de Oliveira

2. Manoel Domingues Carmeiro

3. Antonio Rodrigues de Escanea

Demais Participantes

João P. Moreira da Silva

Selvirina Gomes Mendes

Monica Domingos Carmeiro

Roberto Vicente da Silva

Ronaldo Adriano Silva da Mata

Maria do Carmo Firmino da Silva

Sereniano Antônio da Silva

JOSE ALVES de Souza

Antonio Rodrigues de Escanea

Otávio Pereira da Silva

Ellena da Paiva da Silva

Maria da Graça Silva

Ailson Alves de Silva

Reginalda Muniz do Nascimento

Maria Eunice do Nascimento

Antonio Domingues Carmeiro

Maria de Fátima Moreira de Oliveira

Jose Domingos Carmeiro

O Sr. Robson Moura de Oliveira, presidente da Associação dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais do Assentamento Nova Conquista começou a reunião do dia 02.12.2005 falando sobre animais de outras pessoas que residem fora do Assentamento, e que não querem tirar os seus animais do Assentamento, foi comentado com as pessoas que estavam presente, que deveria chegar a um acordo com os donos dos animais para a retirada dos animais do Assentamento.

Foi feito um comentário sobre racismo, este comentário foi feito pelo Sr. Sebastião, Tesoureiro da Associação, um Sr. que reside fora do Assentamento e que é envolvido na política, disse para o Sr. Sebastião que um analfabeto não tinha capacidade de ser Tesoureiro de uma Associação, o Sr. Sebastião comentou que da maneira que este Sr. falou ele estaria sendo uma pessoa racista.

E por fim o Sr. Robson, presidente da Associação comentou com as pessoas presentes que o Sr. Inera vai fazer uma reunião com todos do Assentamento, vai ter uma palestra para resolver o problema do dinheiro do fomento, com todos que residem no Assentamento Nova Conquista.

Roseleia Moura de Oliveira

Maria Filipe dos Santos

Rita Ferreira da Silva

Marina da Penha da Silva

Do as S. S. S. S. S.

Maria Luiza da Silva